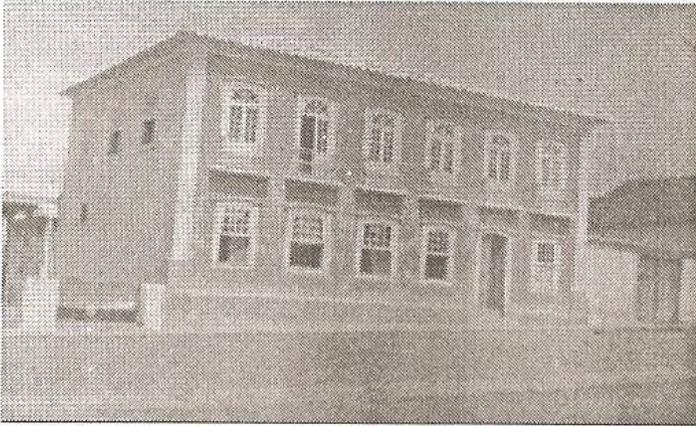
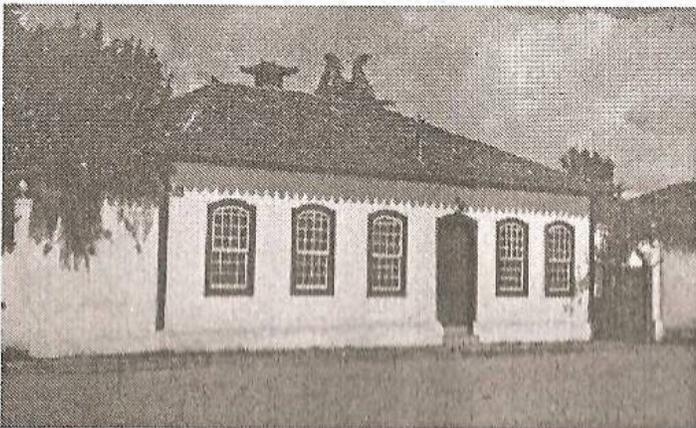


# Álvaro de Azevedo



# Reminiscências



## Prefácio

Dr. Álvaro de Azevedo, médico, nascido em 1887 e falecido em 1985 era cultor das letras.

Em 1954 publicou o livro "Andrelândia - Fatos de sua vida político-social", obra que veio tornar bem mais conhecido o nome daquela simpática cidade mineira, sua terra natal. A propósito, transcrevo abaixo algumas opiniões expendidas na época por personalidades e órgãos da imprensa carioca:

- "Ao Dr. Álvaro de Azevedo, Gustavo Barroso agradece vivamente o exemplar de "Andrelândia" que teve a bondade de enviar-lhe e que leu com grande prazer e o maior interesse".

- "Prezado compatriota e amigo Dr. Álvaro de Azevedo.

Só hoje pude tomar conhecimento de seu livro "Andrelândia" e agradecer-lhe a oferta do exemplar com que me brindou.

Vou lê-lo com o carinho que me merecem o seu autor e as cousas de Minas, mas hoje mesmo comecei a folheá-lo recebendo muito boa impressão. Parabéns: Arthur Bernardes".

- "Prezado colega Dr. Álvaro de Azevedo.

Muitos e sinceros agradecimentos pelo seu interessante livro, esplendidamente bem escrito. Li-o com satisfação, revivendo coisas que pensei já estivessem sepultadas de há muito no passado. Qual! O homem prossegue sendo sempre esse terrível animal, que raciocina mal e age ainda pior.

Um afetuoso abraço do Silva Mello."

- "Ao Dr. Álvaro de Azevedo, Lúcia Miguel Pereira agradece cordialmente a remessa de "Andrelândia", que percorreu com grande prazer."

- Do Suplemento Literário de "O jornal de 28/11/54":

"Escreveu o Sr. Álvaro de Azevedo uma boa monografia sobre o município de Andrelândia (Minas)." Embora as páginas não obedçam a um esquema tendo em vista a seriação lógica e a seqüência que os assuntos impunham, o trabalho se reveste de interesse particular, porque nos revela fatos da história política e da vida social daquela comuna, O conjunto de elementos informativos que o livro apresenta é de fato apreciável."

- De "O Cruzeiro", de 1º de janeiro de 1956:

"Outro livro recentemente aparecido, e que nos conta também a história de uma cidade mineira e dos homens que a construíram, é o de Alvaro Azevedo, "Andrelândia" revelando as mesmas virtudes dos brasileiros, que, espalhados pelo nosso território, souberam construir uma ilação e dar inúmeras demonstrações de que somos capazes de continuar a sua tradição e realizar finalmente em tempo próximo a nossa emancipação econômica.

"Porque se um homem pode pela sua própria vontade e inteligência, construir, a primeira Usina Hidrelétrica da América do Sul, no interior de Minas, hoje, com maiores possibilidades poderemos dar solução a todos os problemas que afligem o Brasil".

- De "A Noite" de 15/10/54.

- " *Inúmeras e valiosas obras tem aparecido ultimamente sobre municípios brasileiros. Entre estas podemos colocar, sem favor, "Andrelândia" de autoria do Dr. Alvaro de Azevedo.*

*Prefaciado por Plínio Salgado, que muito justamente julga o trabalho do médico mineiro um primor de síntese histórica, sociológica e política, "Andrelândia" - que o autor com modéstia chama de "folheto" e com o que não concordamos - põe de manifesto em espírito claro, culto e honesto nas pesquisas e ponderado nos julgamentos, sabendo expressar-se com espontaneidade e elegância, a propósito dos acontecimentos marcantes do seu torrão natal.*

*A vida da cidade, desde sua fundação até os dias que correm, seus homens notáveis e suas efemeridades marcantes, estão ali narrados com simplicidade leveza e graça, constituindo a leitura do livro um autêntico prazer do espírito.*

*"Andrelândia, sem dúvida alguma, vem enriquecer o patrimônio literário de Minas, e ao mesmo tempo, revelar as fortes possibilidades de escritor que possui o doutor Alvaro de Azevedo, a quem os andrelandenses muito ficam a dever pela publicação do referido trabalho".*

## REMINISCÊNCIAS

Humberto de Campos, em suas "Memórias", assinala a dificuldade com que, por falta de documentação escrita, lutaria o brasileiro que tentasse traçar sua árvore genealógica. Pelo menos, no que toca a uma das linhas dos Azevedos, encontrei realizado esse trabalho por Afonso de Taunay, ao pesquisar esse autor a ascendência paulista de seu avô materno, Francisco José Teixeira Leite - O Barão de Vassouras. E que Afonso de Taunay e o autor destas tinham descendem do mesmo tronco - o Sargento-Mor Lourenço Corrêa Sardinha e Maria da Assunção Moraes. Ele, português e ela, natural de São João Del Rei. Desse casal nasceu minha trisavó, Margarida Maria de Jesus Corrêa, casada com o português Francisco João de Azevedo, pais de meu bisavô, Bonifácio Antônio de Azevedo, ex-proprietário da Fazenda das Laranjeiras deste município de Andrelândia. Das "Laranjeiras" fazia parte a atual Fazenda da Bahia, a qual coube, por herança, a meu avô, José Justino de Azevedo e depois a meu pai, José Bonifácio de Azevedo, cujos filhos a desfrutam hoje, em condomínio.

Descendia essa minha trisavó, Margarida Maria de Jesus Corrêa, do tronco paulista João Ramalho-Bartira. Estou certo que, se me fosse dado estudar outros ramos de minha família ou de qualquer outra de Minas, encontra-los-ia entroncando no mesmo casal Ramalho-Bartira.

Vejo, pois, confirmado, em mim, o fato incontroverso da História do Brasil, segundo o qual a quase totalidade dos brasileiros provém de três casais de portugueses com índias: Jerônimo de Albuquerque-Maria do Espírito Santo, em Pernambuco; Diogo Álvares Corrêa-Paraguaçu, na Bahia e João Ramalho-Bartira, em São Paulo.

Dou a este livrinho o nome de "Reminiscências" e não de "Memórias", denominação esta que exigiria trabalho mais completo, que deve ser reservado a quem tenha participado da vida pública de seu País ou a quem haja convivido com os expoentes da sua cultura - na política, nas ciências, nas letras, nas artes - dos quais há sempre algo de interessante a contar.

Se conseguir transmitir ao leitor - ainda que imperfeita - a idéia do meio rural onde nasci; da minha vida de estudante pacato, em Andrelândia, em Belo Horizonte e no Rio; e, enfim, da luta do médico do interior, naquele tempo, com todo o seu cortejo de desconfortos, material e moral; se o conseguir, darei como realizada a finalidade deste desprezioso trabalho, no qual omito lembranças de ordem sentimental.

## ESBOÇO GENEALÓGICO

Sou o 6º filho do casal José Bonifácio de Azevedo e Carlina Umbelina Salgado de Azevedo, fazendeiros e ex-senhores de escravos, como também o foram seus pais e avós, todos mineiros, todos integrados de corpo e alma às atividades da vida rural

Sou pois, percentualmente falando, 100% mineiro. Recebi do meio rural montanhês, como marca indelével, este meu temperamento profundamente introvertido, agravado, sem dúvida, pela severidade dos pais da época. Falo dos pais propriamente ditos, pois que as mães, até mesmo na Minas, de costumes tão severos, sempre deram à prole a necessária liberdade. Diferiram, no entanto, e diferem, ainda hoje, das mães em geral, pela maneira mais discreta e menos expansiva com que manifestam o amor materno. Sempre a sobriedade montanhesa transparecendo em tudo. Só afagam os filhos quando pequenos. Crescidos, deixam-nos meio à vontade, não lhes dando aquele excessivo carinho, que a pedagogia condena, como criador dos "enfants gâtés". Contudo, vivem para o lar, para o marido e para os filhos, ensinando a estes, à noite, o sinal da cruz e o padre-nosso. No mais, educa-os, antes pelo exemplo do que por palavras. Os rudimentos da cartilha, deixa-os a cargo das escolas ou dos filhos mais velhos, que por aquelas já tenham passado. A mim, iniciou-me no "abecê" a minha irmã Maria Augusta - a primogênita da prole - useira e veseira em mimosar-me, quando a cabeça se me fazia dura, com os clássicos "cocres", muito de uso na época, que não doíam, mas que me ofendiam moralmente.

Embora longe do carrancismo antigo, segundo o qual a mulher só devia ir à cidade 3 vezes na vida - a batizar, a casar e a enterrar - posso dizer que a fazendeira de Minas vivia, até há pouco, praticamente, segregada da vida social. Ia à sede de sua paróquia apenas 2 ou 3 vezes por ano, por ocasião das festas religiosas. Nada reclamava para si. Dizer, pois, que era a encarnação viva da renúncia é repetir um lugar-comum, mas que se justifica, por ser a tradução fiel de um fato. Sua instrução era a da época: a leitura, a escrita e as 4 operações, sendo que estas últimas, por falta de uso, acabavam por ser esquecidas. O que lhes faltasse, porém, em instrução sobrava-lhes em educação do berço. A todos acolhiam de maneira cativante, jamais desmentindo a tão proclamada hospitalidade mineira. Aliás, esse nosso espírito acolhedor - fato como mineiro - foi, de todos os nossos traços psicológicos, o que mais impressionou os naturalistas estrangeiros que percorreram o território mineiro no decurso do século passado.

Minha mãe representou bem esse tipo da fazendeira de Minas de algumas décadas passadas. Sendo avesso a louvar gente de casa, abro, contudo, exceção para ela. Foi, conforme o consenso unânime de quantos a conheceram, a doçura em pessoa. Nisso levava a palma a meu pai - varão do seu tempo e do seu meio - o qual, cedendo a seu temperamento impulsivo, nem sempre era ameno no trato, mas, ainda assim, benquisto por quantos o cercavam. Era reconhecidamente generoso, nunca deixando de servir a quem lhe batesse à porta.

Traçado, rápida e conjuntamente, o perfil de ambos, fechemos o parêntese e retomemos o fio da narrativa.

Nasci no dia 15 de maio de 1887, na "Fazenda da Bahia", município de Turvo, hoje Andrelândia.

Minhas primeiras lembranças, porém, não datam da "Bahia", mas de Andrelândia, para onde se transportou toda a família, a fim de que minha avó Maria Cândida Nogueira,

enferma, recebesse assistência do único médico de 10 léguas em torno, o Dr. Ernesto da Silva Braga.

Um dos fatos mais remotos que minha memória reteve e que considero o marco inicial destas reminiscências data daí. Refiro-me a um acidente, aliás sem importância, de que fui vítima quando, com outros meninos, tocava os muros de uma tropa, que estava acampada no rancho do Sr. João Romeiro, com o fim de vê-los atravessar, a vau, o Rio Turvo. Um deles atirou-me as patas, atingindo-me em cheio e jogando-me por terra, acidente de que resultaram, apenas, na parte ântero-superior das coxas, duas manchas arroxeadas. Nada contei em casa, mas minha mãe não se livrou do susto quando o "Seu" Juca Sizenando, solícitamente, lhe bateu à porta para indagar se o menino "tinha machucado muito".

Morta a minha avó, voltamos todos para a "Bahia", cenário de que darei, a seguir, breve descrição.

## A FAZENDA DA BAHIA

Descrever-lhe a topografia, a maneira como aí se exerce a atividade agropecuária, os hábitos de quantos aí mourejam, é descrever a topografia e a vida de suas vizinhas, que todas obedecem a um mesmo tipo padrão.

Do pico dos "DOIS IRMÃOS" tem-se, desdobrado, a perder de vista, o panorama do planalto central do Brasil. A Fazenda da Bahia - denominação que nada indica quanto à sua origem - pode-se considerar, pela sua altitude média de 800 metros, pela flora e pela fauna, como uma miniatura desse mesmo planalto, tal como o descrevem autores que o percorreram a cavalo, como Saint-Hilaire, o Visconde de Taunay, Bernardo Guimarães e tantos outros. Falam todos eles em suas extensas campinas ondulando em outeiros de suave pendor, separados por vales pouco profundos, onde correm veios d'água, orlados de arvoredos mais ou menos espessos. A "Bahia" apresenta, com efeito, todos os acidentes geográficos de que nos falam aqueles escritores: montes, vales, rios e pequenas lagoas. Existe, aí, como nas propriedades vizinhas, ambiente para todos os gostos. Aos apreciadores de tiro ao vôo recrear-se-ão com as codornas e perdizes, que lhe povoam os campos; os afeiçoados a outros gêneros de caça terão as capivaras e as pacas das margens do Aiuruoca, os veados e os lobos, que os há, embora em pequena quantidade; os pescadores tirarão desse rio várias espécies de peixes, inclusive o dourado, considerando o príncipe da água doce. Não só os pescadores, mas também os caçadores se recreiam com as capivaras e pacas do Aiuruoca. Organiza-se anualmente, em agosto, a caça a esses animais. São 6, 8, 10 canoas, com dois canoeiros cada uma e com dois ou três caçadores. Eles partem, nesse trecho do rio, da embocadura do "Turvo Grande" e descem até além da Fazenda do Porto, antes de uma corredeira intransponível. São dezoito quilômetros de percurso. Gastam-se três a quatro dias nesse esporte, dormindo-se ao relento, à beira do fogo. Repetem-se, anualmente, no mesmo palco, as mesmas cenas. Variam, porém, de geração a geração, os protagonistas, como também varia o número de animais abatidos, que se vão escasseando de ano a ano e que acabarão por desaparecer, se não se executarem as leis que regulamentam essa prática.

Quando o pequeno grupo de canoas - que lembra uma miniatura das antigas monções dos bandeirantes - defronta a Fazenda da Bahia, ouve-se, de sua sede, a cerca de dois quilômetros do rio, o tiroteio e o latir dos cães perseguindo a caça que, ao assomar na barranca para o mergulho, recebe, não raro, a sua primeira carga de chumbo. E, quase sempre, uma luta para encontrá-la. Descem os caçadores, rio abaixo, a espreitar-lhe o fundo e as margens. Descoberta, enfim, morta ou ferida, entra em função a fisga, e o animal é recolhido e preparado pelos canoeiros que exercem, inclusive, as funções de cozinheiros. E freqüente perderem-se horas à procura de uma caça que mergulhou ilesa. Canoas sobem e descem trechos do rio, sondando-se-lhes, com cuidado, o fundo e as margens, até que alguém, mais feliz, dá com o animal, oculto nas capitivas, apenas com o focinho fora d'água. E seguem-se tiroteios e gritos. A vítima aparece e desaparece, aqui, ali, acolá, dando ensejo a que todos se divirtam e descarreguem as armas. Perdem-se horas nesse espetáculo. E foi essa a única caça daquele dia. E esse dia, pelos lances oferecidos, foi tido como um dos mais cheios. Freqüentes são os "trotos" que preparam uns para os outros. Um deles é colocar-se à tona d'água a cabeça de um animal, morto na véspera, espetada num pau, fincado ao fundo. O primeiro caçador que vê, fatalmente, descarrega-lhe a arma, enquanto os autores da "partida" e os que dela se livraram riem, a bom rir, do cômico da cena, da qual só não ri a vítima. São essas as diversões da roça.

Não há, pois, ambiente para tédio nas fazendas, muito menos na de que tratamos aqui, cuja topografia oferece algo de particular. Do topo dos "Dois Irmãos" - duas montanhas situadas uma ao lado da outra, tendo a forma de uma pirâmide de base muito larga como as descreve Saint Hilaire, que galgou uma delas em 1819 - descortina-se, para qualquer dos lados, vasto horizonte. Intercepta a vista, impedindo que ela se perca na fimbria do horizonte, um ou outro ponto, de altitude superior àquelas serras. Ao norte, a do "Lenheiro", a cujo sopé jaz a velha e legendária cidade de S. João Del Rei; ao sul, a do "Papagaio", a cuja sombra repousa a não menos velha Aiuruoca; a oeste, a de Carrancas, no município de Lavras, cidade, como as outras duas, que teve sua origem no chamado "Ciclo do Ouro"; para leste, as fraldas da Mantiqueira, onde nasce o Rio Grande, de que é afluente o Aiuruoca.

As águas da Fazenda da Bahia, por estranho que pareça, nascendo relativamente tão perto do mar, vão até Buenos Aires, a milhares de quilômetros. Estamos, assim, na bacia do Prata. É, pois, natural que o saudoso gaúcho, Dr. Diniz Rangel, que por tantos anos exerceu a clínica entre nós, notasse grande semelhança entre estas campinas e as do Uruguai. "Como são melancólicas e solenes ao pino do sol as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!" - exclamava José de Alencar. Trocando apenas uma palavra, podemos dizer: como são melancólicas e solenes ao pino do sol as vastas campinas que cingem as margens do Aiuruoca e seus afluentes!

Banha ele terras da "Bahia", correndo em suave declive, a cerca de dois quilômetros da sede e separando-a das Fazendas da Bela Vista e do Porto. Cobrem-lhe as margens matas mais ou menos espessas, vítimas periódicas da foice e da coivara do roceiro incauto, do qual, não raro, se vinga o rio, afogando-lhe o milharal que tanto suor lhe custara.

Um dos primeiros rios explorados quando da extração do ouro, tem o Aiuruoca um passado histórico, que se projeta sobre as fazendas que lhe demoram às margens. O ciclo do ouro tem, com efeito, na "Bahia" o seu reflexo nas catas da "Lavrinha", à beira do "Ribeirão" e nas do "Rio Furado" e dos "Patos", estas duas últimas às margens do Aiuruoca. São montões de cascalhos revolvidos, testemunhando um passado de mais de dois séculos. Aí mourejaram mamelucos paulistas, porfiados na faina de extrair das entranhas da terra e do leito dos rios o metal precioso que lhes satisfizesse a cobiça. Não só nas catas estão as provas da intensa exploração do ouro na Fazenda da Bahia, mas também em certas depressões de terreno de suas colinas, assinalando, aqui e ali, os pontos por onde passaram os canais condutores da água destinada a lavar o cascalho. Eram em número de dois. Recebiam eles a água do Ribeirão do Sardinha, em terras da atual Fazenda do Garcia, correndo, um pela margem esquerda desse ribeirão e outro pela direita, destinados, respectivamente, às catas do Rio Furado e dos Patos. Não mediriam, em reta, mais de três quilômetros, mas tinham essa distância, talvez, triplicada para que corresse o líquido pelo seu próprio peso. Interrompiam-se à beira dos córregos e dos vales, substituídos, certamente, por bicas de que não restam vestígios, construídas, sem dúvida, de madeira e não de pedra, como os velhíssimos aquedutos romanos. Pode-se, ainda hoje, reconstituir todo o percurso, verificando-se que, para se atravessarem os córregos do "Zé Maria", o da Candonga e o vale do Jatobá, corriam bicas de centenas de metros de comprimento por dezenas de altura.

Com altitude média de 800 metros, situada na zona temperada, é de ver que o clima da "Bahia" se há de condicionar a essa situação geotopográfica. Sua temperatura oscila entre zero e 28 graus. Atingido este ponto, desaba logo o aguaceiro típico dos altiplanos, a que não faltam os ventos desabridos. Não falamos desse máximo de temperatura de ciência própria. Ouvimos a um neto do Visconde de Arantes o informe de que seu ilustre avô, que possuía um barômetro - coisa rara naquele tempo - jamais verificara em Turvo, em dias de sua longa vida, temperatura superior a 28 graus.

O leitor estranhará, talvez, o mínimo dessa curva térmica, o zero, estranheza que desaparecerá considerando-se que é raro o ano em que não se congele, aí, o vapor d'água atmosférica. Então, fina camada de geada, desfeita logo aos primeiros raios do sol, queima as gramíneas das baixadas e as folhas das bananeiras. Esse fenômeno - deveras calamitoso para os cafezais do Paraná e que tantos males acarreta à economia nacional - tem, entre nós, efeito quase nulo. Há mesmo quem o julgue útil ao rebanho bovino, admitindo seja este, nos anos de geada, menos molestado pelos carrapatos, pelos bernes e pelas bicheiras. Parece, mesmo, haja quem o deseje com finalidade estética, a julgar por este dito corrente na zona: "Ano geoso, ano formoso".

## A SEDE

Esta palavra corresponde, em Minas, à “Casa Grande”, do Norte. Será escrita, pois, com letra maiúscula.

Descrita a topografia geral da Fazenda, façamos o mesmo quanto à sua Sede. É, como todas as da zona, de estilo colonial, de um só andar, exagerada no tamanho e na espessura da madeira, objetivando, assim, a facilidade do braço escravo e a fartura de material. Barrotes, pés-direitos, portais, desdobrados, dariam, pelo menos, para a construção de duas casas iguais.

A parte da frente dá para um gramado (ainda hoje chamado jardim, porque aí minha mãe cultivava, com carinho, as suas flores), fechado por um gradil de madeira; a dos fundos, para o poente; uma das laterais, dando para o sul, olha para um amplo curral quadrado, cercado de muro de pedra, onde, cada manhã, se ordenham as vacas leiteiras. Aí esta a parte mais nobre da casa, chamada sala de visitas, de cujas janelas pode o proprietário fiscalizar, comodamente, o serviço da ordenha. Mas quase nunca o faz. Prefere descer ao curral e sentir de peito o cheiro do rebanho e, não raro, deixando preconceitos de casta, toma do balde e participa do serviço, ao lado dos empregados. É que o fazendeiro, que não empunha a foice e a enxada, por julgá-lo incompatível com a sua dignidade, não reluta em entregar-se a qualquer outra tarefa, desde que esta se relacione com a vida do pastoreio. Considera-a, não como trabalho, mas como esporte. Fechado o parêntese, prossigamos.

Na parte dos fundos desce, em suave declive, vedado a olhos estranhos por alto muro de adobe, um vasto pátio de terra. Encontram-se aí as principais dependências da sede. Aqui está o paiol com suas paredes de varões de madeira roliça, justapostos verticalmente, por entre os quais circula livre o ar. Acredita-se que isso evite a deterioração dos cereais. Em seu porão escuro e quente dormem os porcos da ceva; ali, a chamada Casa dos Queijos, em cujo andar térreo eram eles fabricados e, no dia seguinte, transportados para o superior, à espera de que a tropa os conduzisse às longínquas estações de embarque; acolá, o galinheiro, onde, cada manhã, as aves aguardavam o milho. Somente ficavam presas as que, no dia, deviam cumprir a sua missão, a postura. Ao ato de separá-las estavam quase sempre presentes as próprias fazendeiras que, prazerosamente, às suas ocupações domésticas, incluíam mais essa. Nos fundos desse pátio, para além de um muro de pedra (sempre os muros de pedras!), revestido, em certos pontos, de líquens e cactos espinhentos, estende-se o antigo pomar, cujas árvores seculares formam bosques copados onde, nas manhãs alegres, chilreia a passarada e às tardes gorjeiam os sabiás de Gonçalves Dias e arrulham as juritis de Alencar e Bernardo Guimarães. E quantas delas não nos caíam nas arapucas! São laranjeiras, jabuticabeiras, ameixeiras e paineiras altíssimas que, floridas, atraem o pincel dos artistas.

Fora do pátio estão outras dependências, como o “rancho de carro”, onde se guardam os carros de bois e para aonde acorrem os chamados “bezerros de leite” quando, no pasto, os surpreende inesperada manga de chuva. E para o dono um prazer vê-los, às dezenas e em fila, trotando, à procura do abrigo.

Ao lado do Rancho está a “Casa dos Arreios”, com três compartimentos independentes em que, respectivamente, se guardam os arreios de sela, dormem os “moleques” e funcionara, outrora, uma oficina de ferreiro, da qual, no meu tempo de menino, só restavam um fole velho e uma bigorna.

Mencionemos ainda o moinho, única máquina da fazenda na época. Merece comentário especial. É a diversão e a preocupação máxima do fazendeiro, que não concebe que ele rode inutilmente depois de escoado o último grão de milho. E como isso freqüentemente sucede, é um deus-nos-acuda nas fazendas. Ao empregado relapso só faltava o castigo físico. Meu pai apurara tanto o ouvido que, de longe, percebia quando ele estava "moendo pedra". Muitas vezes ouvi este aviso preventivo de um preto para outro: "Soi Zé vem aí. O munho tá moeno pedra". Assim alertado, o empregado negligente, para aparar o golpe, voava ao moinho.

Como eram humildes os pretos daquele tempo! Tudo ouviam sem a menor réplica. Era como se ainda continuassem cativos. Trocou-se apenas o nome de "Escravo" pelo de "Agregado". O modo, porém, como obedeciam, era o mesmo.

Finalmente, rematando esse longo rosário, vinha o monjolo (única invenção portuguesa, segundo ouvi em menino e ingenuamente acreditava). Dele foi vítima, não uma criatura humana, como o Pernambi de Monteiro Lobato, mas um cabrito que, ao tirar do pilão o seu bocado de milho, teve a cabeça esmagada. Fato banal, mas corrente entre as diversas gerações de crianças da fazenda que temiam a casa do monjolo onde errava a "alma" do quadrúpede. As mães alimentavam no espírito infantil essa crença ingênua, como preventivo contra o perigo da almanjarra em funcionamento.

Janelas em guilhotina, altas, largas, numerosas, alinham-se em cada face do casarão, dando-lhe, externamente, boa aparência estética. O interior, refletindo o espírito da época, não condiz com a fachada: - É tosco e algo decepcionante, com vastas salas mal iluminadas, o assoalho de tábuas largas, portas demasiado altas e pesadas, de enormes fechaduras. Contava meu pai que meu avô - José Justino - irritado com a demora do serviço, ordenou que se terminasse a obra de qualquer maneira, impaciência que lhe explica os senões. Diferindo das sedes das fazendas vizinhas, o seu forro não é de tábuas, mas de esteira, colhida em "boa lua" a taquara com que ela foi tecida. Continua, apesar de aí colocada há um século, em perfeito estado de conservação. O mesmo diremos quanto às paredes de pau-a-pique e quanto ao madeiramento, tudo datando de um século e tudo em perfeito estado. Por questão de ordem sentimental, bem compreensível, timbram os seus atuais condôminos, aí nascidos e criados, em conservá-la tal como a receberam, com todas as suas qualidades e com todos os seus defeitos, repelindo sempre, não raro com azedume, as sugestões dos que a querem modernizar.

O mobiliário é, igualmente, tosco, mas de madeira de lei, fabricado a mão pelos antigos escravos carpinteiros. Ainda encontrei aí camas com estrado de couro trançado; como lá estão ainda, como lembrança do passado, dois velhos pilões em que se descascava o arroz e que já vão sendo, como antiguidade, considerados peças de museu.

Na cozinha apruma-se, arqueado em abóbada, o velho forno de tijolos donde saem, ainda hoje, os biscoitos de polvilho e outras quitandas que substituem o pão de trigo, pouco usado nos meios rurais.

Para além da cozinha fica a despensa, de terra batida, onde estão as mantas de toucinho e os panelões de pedra, em que se conserva, em banha, a carne de porco, pronta para o consumo a qualquer momento. Essa despensa fecha, por esse lado, o interior da casa, que se continua ainda em duas dependências, cujo acesso se faz pelo pátio: a "tacha", onde se fabrica o sabão de cinza e o "quarto de feijão", em que se guardam o feijão e o arroz em casca, colhidos na fazenda.

## AS DIVERSÕES...

...variavam com o meio ambiente. Na roça, o que mais impressiona os meninos é o carro de bois. Nele inspira-se o seu primeiro brinquedo. Procuram imitá-lo ligando, 2 a 2, 10 sabugos de milho que são puxados por um barbante.

Depois vem a caça aos passarinhos, quando entram em cena o mundéu e a arapuca e, mais tarde, iniciam-se nas atividades pastoris, ajudando os "retireiros" na sua tarefa diária, deles se tornando bons amigos. Dessa amizade vão eles tirando partido, com as pequenas coisas que lhes vamos passando às mãos. Por meu intermédio, por exemplo, nunca deixou meu pai de tê-los como sócios no seu fumo de rolo, guardado num canto da despensa. Um deles, o Paulino, usava o expediente de reclamá-lo para curar umbigo de bezerros.

Grande prazer era acompanhar carpinteiros, pedreiros e seleiros nos trabalhos de seu ofício, prazer que não me vinha de graça, mas de mistura com repreensões, cada vez que lhes mexia na ferramenta.

- Larga essa verruma, menino - ralhava o Antônio Sabino. Feria-me menos o tom áspero das palavras do que a maneira brusca com que me era arrebatado o instrumento. Sentia-me, porém, pago de tudo vendo como iam saindo de um pau bruto de jacarandá, de óleo, de pereira e outras madeiras da região, as peças que dariam um carro de boi, uma porteira de curral e outras obras de carpintaria.

Enquanto trabalhavam iam entretendo os ouvintes com histórias de puro sabor local: comentários de fatos ocorridos ali ou na vizinhança, apreciações sobre esse ou aquele fazendeiro, seus hábitos, suas excentricidades, sua maneira, suave ou rude, de tratar os escravos. Algumas dessas apreciações versavam sobre parentes que não conheci. Com elas posso compor o retrato moral de meu avô, José Justino, e de meu bisavô, Bonifácio Antônio de Azevedo, do retrato moral, repito, já que do físico não nos ficou nenhum, a não ser o do avô materno, José Ribeiro Salgado (figura imponente, com sua barba branca, à Pedro I) que deixou fotografia.

De José Justino contava-se que era dado a caçadas e que o escravo que dele pretendesse algo devia preceder o pedido com a notícia de que vira um rasto de veado na Serra, na Candonga, no Taquaral ou alhures. Reza a tradição oral que o bisavô Bonifácio gritava nas "Laranjeiras" e ouvia-se na "Bahia", a mais de légua distante, canalizado o eco pelo vale do Aiuruoca abaixo. Teria, pois, voz estentórica, embora inconcebível atingisse tal distância.

Foi do Pio Carapina (Pio de Azevedo, pois que o escravo, quando se dava ao luxo de ter sobrenome, adotava o do Senhor) que ouvi a primeira referência ao Quilombola, ou melhor, ao Canhambola, como diziam todos de quantos ouvi, repetido, esse episódio do tempo do cativo. A palavra canhambola, corruptela de quilombola, tinha, ali, a significação de um nome próprio e designava um preto escravo que vivera foragido, acoitado na vertente ocidental da Serra dos Dois Irmãos, onde esta se cobre de extensa vegetação, cortada pelo Aiuruoca. Aí viveu cerca de três anos, a contar pelas colheitas de cereais a que disse ter assistido, e aí talvez vivesse o resto da vida, se não cometesse a imprudência de matar com sua foice ou faca, suas únicas armas, uma vaca leiteira que se prendera numa cerca de arame farpado. Matou-a e carneou-a, julgando o espaço de uma noite suficiente para transportar o animal sacrificado e apagar os vestígios do "crime".

Meu pai, à frente de um grupo de escravos, deu uma batida na mata. Guiando-se pelo vestígio do sangue que a carne transportada deixara nas folhas dos arbustos, deparou-

se-lhe, logo, humilde choça, cujo habitante dormia a sesta. Despertado, apurou-se empunhando uma foice, esboçando atitude defensiva. Uma certa pedrada na testa, entretanto, pô-lo por terra. Preso, seguiu para a Sede, onde foi objeto de natural curiosidade. Era, com efeito, uma figura exótica. Vestia uma espécie de túnica, tecida de embira, que mal lhe cobria o corpo emagrecido por três anos de subnutrição. Trazia na cabeça um gorro afunilado, como o dos palhaços, também de embira, por cujas malhas saíam mechas da gafurinha imensa. Interrogado, disse chamar-se Avelino, ser baiano de nascimento e pertencer a uma fazenda de Juiz de Fora, para aonde foi levado pelas autoridades de Turvo. Meses depois veio a “Abolição”.

O pobre negro vivia da caça. Das roças de milho só tirava o necessário para cevar as juritis que lhe caíam nas arapucas, menos incertas do que os tatus, de mais difícil caçada. Menos incerta ainda lhe seria a pesca, tendo o Aiuruoca ali tão perto, mas a falta de anzol impunha-lhe o suplício de Tântalo. O sal, tirava-o dos cochos, onde era deixado para o gado bovino. Sua maior preocupação era evitar que se apagasse o fogo que lhe assava a caça e o aquecia nas noites de inverno. Compreende-se que dele devia cuidar com o mesmo zelo com que as Vestais cuidavam do fogo sagrado. Pesava-lhe o isolamento. Comprazia-se em observar, de local onde não fosse visto, a turma de escravos que trabalhavam no eito, ouvindo-lhes as vozes e as cantigas. A garganta rodeada de escarpas, onde se abrigou, conserva, na Fazenda da Bahia, o seu nome: “A Grota do Avelino”.

Um dos meus maiores prazeres era acompanhar o Sr. José Cândido quando, vindo de Madre de Deus, passava dias na Fazenda, no desempenho do ofício de seleiro. É que de sua tarefa participava minha seleta, cuja capa, velha e rota, seria substituída por outra, que lhe daria a aparência de nova. Eram muito usadas naquele tempo, para meninos de menos de dez anos, e se encontravam em quase todas as fazendas da zona. Servia-lhe de estribo um par de caçambas metálicas, miniaturas das que se vendem hoje nas “Casas de Antiguidades”. Cada manhã fazia eu essa mesma pergunta ao Sr. José Cândido:

— É hoje que o senhor vai consertar o meu selim? E sempre a mesma era, também, a sua resposta:

— Hoje não, amanhã. E assim me ia enganando até o último dia de seu estágio. Com efeito, era ela a última peça a receber os seus cuidados. Quando tal sucedia, acompanhava-lhe eu, quase em êxtase, o serviço, sem arredar pé de sua tenda de trabalho e ficava pesaroso quando este se interrompia por qualquer motivo.

Nela, nessa seleta (que provisoriamente era minha e que já o fora de meus irmãos mais velhos e que seria dos mais moços) é que eu cavalgava o Pequirinha, acompanhando meu pai, o Zequinha Amante ou o Sr. Joaquim Comprido pelos campos da fazenda, vendo o gado, dando-lhe sal, trazendo para o curral alguma rês de bicheira ou vaca de cria.

Preferíamos, meus irmãos e eu, a companhia do Siô Joaquim Comprido. É que, tolerante como era, consentia que apostássemos corridas, quando o terreno o permitia. Bambeadas as rédeas e chicoteados, os cavalos largavam em carreira desabalada. Montando o Tenor - seu cavalo predileto - e alcançando os “jóqueis” que o esperavam no fim da pista, ia indagando ele, em tom humorístico:

- Qual dos três ganhou; o Chitão, o Fazendão ou o Furta Moça? Improvisando, assim, esses nomes para os nossos cavalos.

Era, de fato, interessante, física e moralmente, o Sr. Joaquim Floriano Pereira. Seu apelido diz-lhe bem da estatura, que não andaria longe de dois metros. Bonachão, abusávamos de sua paciência. Quando sentado, escanchávamo-nos sobre suas longas

pernas. Se de pé, tomava dois de uma vez, um em cada ombro, e nos carregava pelos amplos salões da casa. Era compadre e parente natural de meu pai, donde a regalia de que gozava. Uma espécie de agregado, mas não no sentido de parasita como o José Dias, de Machado de Assis. Foi, como se diz hoje em dia, um boa-vida.

Quando procurava alguma rês, se esta não fosse logo encontrada, concluía apressadamente que tinha saído do pasto. E lá íamos nós à venda do Sr. Eugênio, no Taboão, à procura de um cafezinho. Em vindo este, o Sr. Joaquim, que parolava de pé junto ao balcão, abancava-se logo, não sem este seu habitual comentário: - Café há de ser sentado e conversado. E se o anfitrião lhe oferecia segunda xícara, respondia de pronto:

-Já viu defunto enjeitar cova?

Temperamento frio, nada o abalava. A morte súbita de alguém o deixava impassível e, não raro, tinha esse comentário egoístico:

- Antes ele do que eu. Isso escandalizava sua mulher, a siá Joaquina, que comentava:

- Nunca vi home fresco como sô Joaquim.

Não era eleitor, porque não sabia ler, mas nem por isso deixava de chefiar a caravana de votantes que marchava para as urnas. É que os adversários o tinham na conta de valentão, donde a conveniência de mostrar-se na cidade, como preventivo contra qualquer bernarda. Como, ao chegar de uma dessas eleições, alguém lhe indagasse pelo pleito, respondeu:

- Matemo o Visconde. Adiantei-me, alvissareiro, a levar a notícia à minha mãe, que se tomou de grande susto. Foi-lhe um alívio saber que tudo não passava de uma pilhéria de mau gosto.

Saint Hilaire, que tudo observava, quando, em 1819, passou pela Comarca do Rio Grande, de que era parte Andrelândia, anotou em seu Diário a maneira como aí se exercia a atividade agro-pecuária. A ordenha fazia-se cada manhã, ficando uma das tetas para a cria.

O leite recolhia-se em cumbucas, assim chamadas na sua forma esférica, natural. Quando serradas longitudinalmente, desdobrando-se em duas partes, estas recebiam o nome de cuias. Traziam junto ao gargalo uma abertura circular por onde entrava o líquido. Ainda alcancei esse original vasilhame, único usado antes do que chamarei na indústria de laticínios - a era da manteiga. Evoluiu-se, sem transição, para o balde de folha estanhada, hoje utilizado por toda parte. Evolução, sem dúvida, vantajosa quanto aos preceitos de higiene, embora esta, no ato da ordenha, ainda muito deixe a desejar. Como, porém, passa hoje o leite por processos de industrialização, não oferecerá, por certo, os mesmos perigos de outrora, quando era usado cru e como se faz, ainda hoje, nos meios rurais.

Parece, entretanto, que esse uso, ou melhor, essa imprudência vem contrariar as leis da higiene. Pelo menos aparentemente não se nota o mal que dele possa advir. Os retireiros da Bahia e sua prole, bem como os das fazendas em geral, usam o leite cru e, não raro, guardado em cumbuca, preferindo-o já ácido. Quantas vezes deixei, em menino, o leite de casa para partilhar, com os moleques, o das cumbucas, cuja acidez me sabia melhor! É de ver a compleição robusta com que se desenvolvem os moleques retireiros. Compará-los com os filhos dos agregados, isto é, dos que não tomam leite, é deixar estes em patente inferioridade física. Nas lutas infantis, corpo a corpo, quantas vezes ouvi do moleque agregado, sempre vencido, esta frase:

- De certo, você é criado com soro!

O termo soro relembra o tempo em que esse líquido, no ato da fabricação do queijo, corria para um cocho escavado em grossa tora de madeira. A massa (não se usava o termo caseína) era retirada de barris de madeira e depositada em formas, também de madeira, onde era espremida, à mão, pelo Chico Paracatu, pelo Paulino, pela Guilhermina, pela Delfina e outros, todos tagarelando, à vontade, na ausência do patrão. Estava eu sempre presente, querendo ajudar o serviço, mas na verdade atrapalhando-o. Os pretos ralhavam, mas eu não obedecia. Lembro-me de um fato, insignificante, mas que me lisonjeou a vaidade de menino. Entre as formas, havia uma, nova, com algo escrito a lápis. Teria cerca de dez anos e chegara de Turvo, em férias de meu primeiro ano letivo. Os "queijeiros", analfabetos, conhecendo a procedência da dita forma, queriam saber o que estava escrito. Li com relativo desembaraço: "Vai para pagar a que quebrou". E todos, deduzindo que esse devia ser, de fato, o teor da frase, prorromperam em coro: "Sô Arve tem boa cabeça". Para eles sempre fui e continuo sendo o "Sô Arve".

xxxxxxx

Os campos de Minas, como já o notara Saint Hilaire, são queimados de dois em dois anos, quase sempre pelo próprio fazendeiro que, empunhando uma taquara acesa, vai, a cavalo, estendendo a linha de fogo. Já de véspera, está feito, também a fogo, o aceiro que preservará do incêndio a parte reservada para o ano seguinte. Cada pasto se divide em dois "cortes": um queimado num ano, o outro no seguinte. Cada corte queima-se, pois, de dois em dois anos. Tudo isso se faz hoje, como se fazia quando Saint Hilaire por aqui passou. Falar de queimada é alarmar os que tomam muito ao pé da letra os seus malefícios. Nos campos de Minas, isso se vem fazendo há séculos e parece que sem nenhum inconveniente. Em vindo às chuvas de setembro a gramínea viça com tal vigor que é para o fazendeiro um legítimo prazer presenciar a voracidade com que o gado a retouça - subnutrido como vem dos quatro meses de seca. Não aparecem, com as queimadas, outras espécies vegetais que possam prejudicar as pastagens. Sempre a mesma gramínea nativa. O fogo, impelido pelo vento, queima-a tão rapidamente que mal lhe aquece a raiz, a qual, livre da haste seca, brota com maior vigor.

xxxxxxx

As fazendas da zona eram, naquele tempo, auto-suficientes. Praticamente, só se importava o sal. As cordas com que se amarravam as vacas, para a ordenha, eram e ainda o são, feitas com o pêlo de suas próprias caudas; recolhia-se o leite, como o vimos, em cumbucas; eram tecidos de taquara os canudos e os jacás em que, respectivamente, se transportavam o queijo e o toucinho, cujas bocas se fechavam com largas fitas de embira; amarravam-se e se amarram, ainda, com cipó, as cercas de pau. Como se vê, tudo tirado "in loco", da própria terra. Não se importava e ainda muito pouco se importa arame farpado. As divisões dos pastos se faziam com fossos cavados no chão - os valos - trabalho do braço escravo, hoje, economicamente impraticável, e, mais raramente, com muros de pedra seca, onde abunda esse material - valos e muros tão encontrados por estas regiões mineiras e que tão raramente se vêem nos demais Estados.

xxxxxxx

De trinta em trinta dias a "tropa" levava os queijos para a Estação da Divisa, hoje Floriano, município de Barra Mansa. Eram 18 dias de viagem, bem contados, entre a ida e a volta. Repetia-se mensalmente a mesma cena. Na antevéspera da viagem subia o preto João Blandina - assim chamado porque sua mulher se chamava Blandina - a Serra dos Dois Irmãos, em busca de feixes de taquara com que se teciam os canudos e os jacás em que se transportavam os únicos produtos exportáveis da fazenda: os queijos e o toucinho.

Em frente ao "Rancho de Carro", arrastando por uma das pontas os ditos feixes, João Blandina, num bambolear de ombros, deixava-os cair, emitindo, a seguir, um "uf!" de alívio, cuja entonação sinto não poder reproduzir na escrita. Ingerido o café que lhe levava uma das pretas da cozinha, iniciava ele o trabalho em que era perfeito e rápido. Efetivamente, nessa tarefa, como em tudo quanto se referia ao ofício de tropeiro, era exímio. Não seria inferior aos arrieiros dos contos regionalistas de Afonso Arinos. Com sua faca, sacada da bainha de couro, presa à cintura, ia desdobrando cada taquara em duas tiras. Martelados os nós, iniciava-se com essas longas e flexíveis tiras a confecção dos canudos cilíndricos, medindo cada um cerca de 20 centímetros de diâmetro por metro e meio de altura. Tão adestrado estava nesse serviço que num dia fabricava dezenas deles. Lavados de véspera os queijos, iniciava-se a tarefa de "ensacá-los" - termo impróprio - acondicionados que eram, não em sacos, mas em canudos. Ensacavam-se os queijos, depositando-os, um a um, nos canudos, forrando-se-lhes o fundo e as paredes internas com palha de milho. Como se vê, repito, tudo da terra: taquara, embira, palha. Falar em João Blandina e não lhe falar na probidade e na fidelidade ao patrão seria faltar com dever de justiça. Esta, aliás, já lhe foi feita pelo Dr. Jair Rezende no seu folheto - o Exemplo de Uma Vida - em que traça com fidelidade o perfil de meu pai e seu avô, José Bonifácio de Azevedo, e em que descreve com arte as paisagens onde aquele nasceu, viveu e exerceu a sua atividade.

Um fato prova quanto era cômico de sua responsabilidade o João Blandina. Numa de suas viagens à Divisa houve um atraso de três dias. Meu pai preocupou-se deveras, julgando algo de grave. É que ficara a tropa retida num dos pousos, por ter desaparecido uma de suas bestas. João Blandina ficou acabrunhado com o fato e nunca se conformou com o desaparecimento da Sempre-viva - nome do animal desaparecido. Acredito tenha feito, para que este aparecesse, muita oração a Santo Antônio.

xxxxxxx

O grupo de meninos de que participava, compunha-se de meus irmãos Lincoln e Tininho, do "José de Seô Joaquim", dos moleques Etelvino e André, crescido, às vezes, de algum filho de colono. Enchia-se o tempo com as travessuras dos meninos de roça. Cavalgávamos, em pêlo, aos 2, aos 3 e aos 4, o mesmo cavalo. Sucedia, às vezes, na subida de um tope, ou na barranca de um córrego, escorregarem os cavaleiros, uns arrastando os outros, pelas ancas do animal abaixo. Os cavalos - o Baio, o Aquidaban e outros - eram mansos e tudo admitiam sem protesto. Ria-se a bom rir com esses incidentes, que tudo na infância é motivo de alegria. Montávamos também em bezerras, uma das mãos segurando uma corda que enlaçava o animal pelos sovacos e a outra, a sua cauda. Eram freqüentes as quedas que nunca serviam de lição. Voltava-se, sempre, ao mesmo esporte. Numa dessas quedas bati com o

joelho num pau. Gemia de dor, enquanto um dos moleques gritava para os outros, distantes, no extremo do vasto curral:

- "Sô Arve bateu com a pataca do joelho num toco" (denominação que, na roça, se dá à rótula).

Tomava-se banho no "Ribeirão", cuja água espaiada, correndo sobre leito de areia e seixos, era quase morna. Às vezes o local escolhido era a sua confluência com o "Córrego da Candonga", de água muito fria. Ainda conservo a sensação dos choques que recebia quando deixava a do Ribeirão para a do Córrego, que nasce perto e corre sob denso arvoredado que lhe cobre as margens. Nossa maior diversão, porém, era o carro-de-carneiro, miniatura dos carros-de-boi, tendo destes todas as peças: as chifradeiras, as cangas, as tiradeiras e tudo o mais. E lá íamos nós, em busca de lenha, com o carro, puxado por oito carneiros, o Pimpão, o Pintarroxa, o Sabiá e os outros cujos nomes já me escapam. Foi com a lã deles que a Siá Joaquina teceu, no seu tear, o pano com que foram confeccionados, para mim e para os meus irmãos mais velhos, três casacos - os sobretudos - como se dizia então. Com eles afrontamos, durante anos, muitas e muitas manhãs de geada - digo durante anos, pois que, naquele tempo, as roupas se faziam com bastante folga, prevendo-se o crescimento de seu dono, assim como os sapatos eram comprados sempre com o número superior ao que o garoto devia calçar no momento.

Como eram previdentes as mãos daquele tempo e como contribuíam para o "pé de meia" da casa! Enquanto coubéssemos dentro deles, aqueles sobretudos eram nossos, passando depois para os irmãos menores e finalmente aos moleques, crias da casa.

De volta da "Cana Verde", com o carrinho carregado de lenha, ouvimos, vindo da "volta do Brejo", o estouro de três foguetes. Foi um alarma. Deixamos o carro às moscas. Afinal tudo se esclareceu. Era o Tomé - mulato andarilho - enviado de Turvo, por correligionários políticos de meu pai, com a notícia, para ele gratíssima, de que Floriano Peixoto vencera a Revolta de 1893.

Andávamos descalços por toda parte e nunca sucedeu que alguém fosse picado de cobra. Quantas e quantas cascavéis mortas, e ainda o são, bem perto da casa da Sede! Ao atravessarmos algum matagal que se nos afigurasse mais perigoso, fazíamos-nos em fila e às carreiras, invocando, confiantes, o nome de São Bento.

Um fato que não posso omitir, pela funda impressão que me deixou, é o que diz respeito a um urutu, cuja grossura excedia de muito à que é comum nessa cobra. Brincava, com outras crianças, num capinzal quando pisei em cheio numa delas. A um grito de susto, acudiu logo a preta Felicidade, que colhia, ali perto, as hortaliças para o jantar. Matou-a e a transportou para expô-la à curiosidade dos de casa. Era, com efeito, para os leigos, um fenômeno. Escorria-lhe do ventre aberto algo semelhante a leite coalhado. Atribuiu-se ao fato ao soro que o réptil teria ingerido num dos cochos da "Casa de Queijos", onde esse líquido ficava em depósito para uso dos porcos. Lendo, muitos anos depois, um folheto do Butantan encontrei cabal explicação para o fato. É que o réptil estava em período de gestação, estado em que - explicava o folheto - as cobras triplicavam de espessura. O que nos parecia leite coalhado nada mais era senão a futura ninhada de cobrinhas. O dito folheto conjecturava, ainda, que de tal semelhança é que deve vir a crença absurda de que as cobras sugam o leite nas tetas dos mamíferos, inclusive das mulheres.

Reportando-me aos dois últimos decênios do século passado, posso dizer que era ridícula, naquele tempo, a renda das fazendas de criar. Cada queijo, para cujo fabrico se despendiam dez litros de leite, vendia-se a um cruzeiro (CrS 1,00). A fazenda que, como a nossa, fabricasse 30 por dia era das maiores da região. Somando-se o que neles se apurava ao que provinha do gado de corte e do toucinho, tinha-se um líquido

de dez a doze mil cruzeiros por ano. É que o leite, principal produto das fazendas, saía vendido a dez centavos e hoje o é a quarenta cruzeiros. Renda pequena naquele tempo, mas vida folgada. E que tudo era produzido "in loco": cereais, leite, ovos, carnes, legumes, verduras e frutas. Alimentação farta e rica em vitaminas, como se vê. Juntem-se a isso a equitação, os serviços da vida de pastoreio, como a ordenha, o laçar o gado para curar-lhe as bicheiras, espremer-lhe os bernes, o carregar e descarregar os muares, condutores do leite, e ter-se-á explicada minha boa compleição física e a de meus irmãos mais velhos. Ultrapassamos já os 70 anos, sem termos sofrido, por assim dizer, o que prosaicamente se diz: uma dor de barriga. Fizemos, sem cálculo, na infância e na adolescência, o que hoje se faz, conscientemente, visando o desenvolvimento do corpo e, pois, a eugenia da espécie. Nos colégios que freqüentamos não era do programa a ginástica - colégios do interior, únicos, então, compatíveis com a pequena renda dos proprietários rurais. Folgados andam eles, hoje, e muitos são os seus filhos doutores.

xxxxxxx

A exploração agrícola fazia-se e ainda se faz pelo processo de rotina; pondo-lhe abaixo as matas e queimando-se-lhes as galhadas secas. Na verdade, só estas se queimam. Os troncos continuam vivos. Oito ou dez anos depois, tem-se a mesma mata encorpada, com as mesmas espécies vegetais. Repetem-se, então, a mesma derrubada e o mesmo incêndio, processo, sem dúvida, condenável, mas não tanto como o julgam os que os conhecem, somente, através de leituras. Em nossa fazenda, isso se vem fazendo há mais de século. As matas, porém, lá estão, menos as que, voluntariamente, se transformaram em pasto, semeando-se-lhes o capim gordura. Queimar o roçado é uma das maiores preocupações do proprietário rural, pelo receio de que o incêndio não se limite à parte destinada à voragem, mas se estenda além, o que, às vezes, sucede, menos através do aceiro, do que pelas fagulhas levadas pelos tão temidos redemoinhos.

O fazendeiro, diz-se, tem dois dias de susto no ano: o de queimar a roça e o do parto da esposa.

Um fato ocorrido na fazenda (teria eu uns 10 anos) poderia ter dado com uma pobre septuagenária, entre as grades de uma prisão. Ainda bem que tudo se esclareceu a tempo. Eram, aí, agregados, os pretos Honório, sua mulher, Tomásia e o filho do casal - Custódio - paralítico das pernas desde tenra idade. De tórax e braços vigorosos, andava apoiado em muletas. Quando saíam os pais para o serviço, ficava com a avó - Luzia - residente na mesma choupana. De uma feita, ao voltar do trabalho, o casal não encontra o filho. Interrogada, Luzia não soube dar de sua falta explicação satisfatória. Foram inúteis, durante dias, as pesquisas nas imediações do casebre. Levantaram-se graves suspeitas contra Luzia, conhecidas, como o eram suas "rabugices" de preta velha e suas freqüentes rugas com o neto, já trintão. Exatamente no dia em que praças de polícia deviam buscá-la para interrogatório na Delegacia de Turvo, apareceu, providencialmente, o paralítico, a cerca de légua de seu casebre. Ao chegarem, ao romper o dia, ao "Retiro das Capoeiras" para a ordenha das vacas, encontraram-no os retireiros, tiritante, curtindo o frio de mais aquela manhã de geada. Ali chegara, arrastando-se, tendo já perdido as muletas. Talvez por não poder manejá-las, após o longo jejum. Recolhido à sede da fazenda, refez-se logo dos treze dias de inanição e aí viveu ainda muitos anos. Contou que motivara a fuga um bate-boca mais violento com a avó e que não atinara com o caminho da sede, aonde ia dar queixa contra aquela. Lembro-me que alguém de Turvo, de passagem por nossa casa, notara nas vestes de

Luzia umas manchas suspeitas e a interpelara a respeito. Compreendendo o alcance da pergunta, respondeu agastada e com tal entonação de voz, que não deixada dúvida sobre sua inocência: "Isso é tinta de sobrasil que to fazendo pra Sinhá!" Minha mãe confirmou o fato.

xxxxxxx

Cada agregado da Fazenda - não se usava o termo "colono" - plantava o seu milho, dando, como aluguel do terreno, dois carros por alqueire, cerca de 20 sacos. Quando se tratava bem a roça e o tempo corria favorável, um alqueire dava de 6 a 10 carros. De modo geral, cada colono plantava uma fração de alqueire, dando, porém, o arrendamento naquela proporção. Era freqüente o fazendeiro nada receber no caso de fracasso - parcial ou total - da plantação. O que indignava meu pai, era quando tal sucedia por negligência do locatário, não dando a capina em tempo próprio. Se - para justificar o mau rendimento da roça - o colono o atribuísse - não à falta de assistência sua - mas à qualidade da terra, subia-lhe de pronto a resposta: "Que fosse procurar, alhures, terra melhor!" O agregado - conhecendo-lhe o bom coração e o gênio impulsivo - nada respondia e, perdoado, continuava na fazenda, certo de que jamais lhe faltaria assistência. O salário, nas fazendas, naquele tempo, isto é, nos últimos decênios do século passado e no princípio deste era de Cr\$ 1,00, coisa que assustará o leitor de hoje. Passar-lhe-á, porém, o susto ao saber que um quilo de toucinho custava CrS 0,50, oitenta vezes menos do que hoje. E assim, tudo mais.

xxxxxxx

Quando a plantação de milho era de vulto e os colonos insuficientes para a capina, esta se fazia, por paradoxal que pareça, num só dia: com o "mutirão". Consistia este em convocar-se para a tarefa os trabalhadores da fazenda e da vizinhança. Acudiam todos e era uma festa. Formavam-se em eito de algumas dezenas. As enxadas, feridas pelo sol, deitavam chispas. Os homens trabalhavam com afinco e espantavam as mágoas cantando, enquanto o capataz, percorrendo a fila de ponta a ponta, ia passando, de mão em mão, o copo de cachaça. Matava-se um garrote. As refeições, servidas no local do serviço, em cuias e pratos de estanho, eram fartas. Cestas e cestas de pamonhas e broas de milho seguiam para a casa, onde, à noite, se realizaria a festança. Com esta é que se pagava o salário de cada um. E os folguedos, estimulados pelas repetidas doses de cachaça, transcorriam ruidosos e o batuque que se estirava pela noite adentro até o amanhecer. Não raro, alguém saía de cabeça quebrada, fato de que, por tácita solidariedade de classe, ninguém da família do patrão tinha conhecimento, senão muito mais tarde, pela indiscrição de algum moleque.

xxxxxxx

Aos dez anos internei-me num colégio em Turvo onde pouco mais se aprendia do que as quatro operações e a escrever uma carta, cuja correção muito deixava a desejar. Apenas o suficiente para o exercício da vida rural e do pequeno comércio. Uma coisa, porém, posso afirmar: é que se fazia grande exercício de memória. Tudo de cor. Nada se assimilava, que disso não cuidava o pequeno corpo docente - não por ignorância,

mas por negligência. Lembro-me ainda - volvidos 60 anos - do modo como se definia o substantivo: "E a palavra que serve para nomear pessoa ou coisa, quer seja real, quer ideal como João, Netuno, casa, sabedoria". Tudo da gramática Abílio, até os exemplos! Não se averiguava se o aluno apreendera o sentido da definição. Seja como for, com menos de três anos nesse internato, ingressei-me no curso secundário. Às quintas-feiras não havia aula, de que se aproveitava, às vezes, o regente - o hoje quase octogenário, Severino Gonçalves Vilela, para visitar os pais na Fazenda das Bicas, a cerca de légua de Turvo. Nós - os internos - não atingíamos a uma dezena. O Regente levava-nos consigo nessa excursão. Era para nós uma festa. Íamos a pé, na quarta-feira depois das aulas e voltávamos no dia seguinte, à tarde. O Sr. Chico Vilela (Francisco Inácio da Silva Vilela) amigo e compadre de meu pai, era um perfeito cavalheiro e D. Ritinha, sua esposa, uma santa. Acolhiam-nos, com verdadeira fidalguia. Regalávamo-nos (e como isso é agradável a meninos internos!) com sua mesa farta, e, sobretudo com as laranjas - que as havia nas Bicas, com fartura e de várias e ótimas qualidades. Severino, embora muito moço, era respeitado pelos alunos, a que impunha boa disciplina, relaxada, porém, quando em casa de seus pais. Deixava-nos à vontade, liberdade de que abusávamos, não apenas deliciando-nos com as frutas, como depredando as árvores ao apanhá-las. Ainda bem (para os hospedeiros, não para nós) que isso não se repetia semanalmente, mas de mês em mês.

A Severino substituiu Ezequiel Nogueira, que como era uso na época, castigava fisicamente, esse ou aquele aluno, imitando assim o próprio Diretor que aplicava o que ele chamava "o sinapismo". Consistia este em esfregar-se, com as mãos espalmadas em rápidos movimentos de trás para diante, as orelhas da vítima, que, de fato, terminado o bárbaro tópic, ficavam em brasas. Castigos desumanos quando aplicados em crianças normais e, criminosos, quando débeis mentais eram as suas vítimas. E os pais não acudiam em socorro dos filhos martirizados, imbuídos, eles também, do falso preconceito de que se não aprenderia sem o regime bárbaro da palmatória. De tão absurdo preconceito prevaleciam-se muitos pseudo pedagogos para descarregar sobre crianças indefesas, o seu temperamento bilioso. Não faltavam pretextos. As vítimas eram quase sempre as mesmas, por incorrerem na antipatia do mestre ou por não trazerem de cor a lição. Não se cuidava de indagar do motivo da falta; se por vadio ou por deficiência mental. Lembro-me de dois condiscípulos, mortos logo ao deixarem os bancos escolares, que pagaram caro o que lhes negou a natureza madrastra; um surdo e o outro francamente retardado. E seus respectivos professores pretendiam à força, com "puxões de ore e a golpes de régua", incutir-lhes no cérebro o que não poderiam aprender. A cena repetia-se quase que diariamente e ninguém lhes acudia nessa dolorosa emergência! E não era, esse regime tirânico de antigo mestre escola, privilégio dos colégios do interior. Vinha de cima o exemplo. Quem disso queira certificar-se que leia "O Ateneu", famoso romance de Raul Pompéia. Ainda que não o diga o autor, sabe-se que são reminiscências de seu internato no conceituado Colégio Abílio, que funcionou no Rio, no tempo do Império.

O modesto colégio que freqüentei funcionava em casa onde não havia água corrente e, conseqüentemente, instalação sanitária. E assim eram todas as habitações da cidade, como o eram e o são ainda muitas cidades do interior. As que logravam o luxo de possuir a sua iluminação, esta era a querosene. Para as necessidades fisiológicas dirigia-se o colegial ao Regente nestes termos: "Deixe eu ir lá fora?" Esta era a resposta invariável, quando ocupada a clássica "touceira de bananeira": "Tem gente". Meninos malandros havia que lá demoravam apenas para gazejar a aula! Teodorico Raposo - personagem de Eça de Queiroz - relembrou seu tempo de internato no seminário, conta: "A quinta-feira era o desagradável dia de lavarmos os pés". Verdade é que Eça visava satirizar o desasseio - certamente baseado na realidade - dos

internatos de sua terra. O que posso dizer, porém, é que em nosso colégio de Turvo, só se tomava banho uma vez por semana, no Rio Turvo, no ponto denominado "A Praia" - por onde passaram e passarão muitas gerações de andrelandenses. Acompanhavam-nos o Regente. Não se usava calção e isso era para mim, embora na infância, e, talvez, por isso mesmo, motivo de vexame. Supremo prazer para o menino interno é o dia do encerramento das aulas. Aguardam-se, com alvoroço, as férias, calculando-se os dias, as horas, os minutos. Para os filhos dos fazendeiros, entrarem férias é trocar a clausura do internato pelas cavalgadas das fazendas de criar. Ia buscar-nos o Olímpio - um cabra quase branco, moço, alegre e gaiato, que nos divertia com suas facécias. Era-nos, pois, gratíssima a sua companhia. Numa dessas viagens consentiu ele em dar a meu irmão Lincoln, um cigarro de palha, que foi o seu primeiro e único. Lincoln enjoou atrocemente. Tudo lhe girava em torno e só lhe faltou botar os bofes pela boca. Ministrou-lhe o Olímpio uma beberagem de carqueja, cujo amargo excessivo aumentou a aflição ao aflito. A cada passo, descavalgava o Lincoln para se estirar pelo chão. Chegamos com atraso em casa. Meu irmão Tininho e eu - famintos, dirigimo-nos diretamente para a mesa e Lincoln para a cama. Não revelamos em casa o motivo do enjôo. Comprometer o Olímpio? De modo algum. Enjôo providencial reconheço hoje! Sem ele haveria na família, pelo menos, seis fumantes: ele e nós, outros, os cinco irmãos mais moços, que, todos, via de regra, imitam o mais velho, nos bons como nos maus costumes.

xxxxxxx

Quem se proponha a descrever fatos de sua vida em município do interior terá muito o que dizer sobre sua política estreita, acirrada, inglória, legítimo "pau de sebo com uma nota falsa na ponta", como Belmiro Braga definiu a vida. Com efeito, quanto esforço e quanta subserviência aos políticos do Estado para conseguir-se uma nomeação de porteiro de Grupo Escolar, a remoção de uma autoridade atrabiliária! E os que assim se humilham e que nada desejam para si, são homens abastados, independentes e via de regra, de moral muito acima daqueles a quem se dirigem de chapéu na mão. É que estes são, no momento, os detentores do cofre das graças. E só Deus sabe com quanta transigência no terreno da moral. E os dias que se perdem nas capitais para conseguir-se a audiência de um Governador ou de um simples Secretário de Estado. E a fuga estratégica de um deputado por uma porta dos fundos da Câmara! E o recado que manda pela criada dizendo que não está em casa! Tudo para não avistar-se com aquele que se sacrificou de todos os modos - com trabalho e com dinheiro - para sua eleição. E as promessas dúbias aos partidos que se guerreiam, cujos representantes pleiteando solução oposta para o mesmo caso, saem das audiências convictos de que este se decidirá a seu favor! Finalmente, um deles - o partido ludibriado - inteirar-se-á da verdade - pelo espocar dos foguetes que os adversários vitoriosos soltam festejando a nomeação do escrivão da Coletoria ou a remoção do cabo do destacamento policial. E tudo isso para quê? Para satisfazer a vaidade de alguém que deseja ser chefe, ou melhor, escravo de sua comuna. Sim! Escravo; escravo dos governos, escravo dos eleitores, aos quais se deve atender em tudo, até nos crimes mais hediondos. Lembro-me de um deles. Seu autor premeditou e requintou na maldade: esfaqueou a própria esposa no último mês de gestação, praticando-lhe uma espécie de "haraquiri". Duplo homicídio. O partido a que era filiado, senhor das autoridades judiciárias, quebrou lanças a seu favor e conseguiu que quase todos os membros do conselho de sentença fossem correligionários seus. E foi absolvido com os votos sistemáticos de todos eles. Votaram contra - também sistematicamente, e aqui com justiça - os seus adversários. E Lino recebeu os abraços efusivos daqueles! E se

assim não fora, perdia-se o eleitor e o partido se desprestigiaria no conceito de seus adeptos.

O dia de eleição municipal era motivo de festa para as crianças e de apreensões para as famílias, temerosas que surgissem conflitos, como de fato sucedeu em 1922. Os pátios das casas convertiam-se, não em curral de eleitores, como se diz hoje, mas propriamente em curral de cavalos. Nestes - única condução do tempo - é que vinham os votantes. Surgiam de todos os lados, isoladamente ou em grupos, subindo e descendo as ruas. Descavalgavam aqui, ali, acolá, principalmente nas portas das casas comerciais, ou embarafustavam-se portões a dentro, em busca dos pátios referidos acima. Ia um borborinho pela cidade, notadamente nas portas e no interior das vendas onde se cuspinhava e bebericava à vontade. Nas seções, o eleitor recebia do cabo eleitoral, à vista de todos, a cédula, que depositava na urna. Muitos votavam sem saber em quem. Eram - esses pleitos municipais - disputados com ardor, mas, nem assim, se expurgavam de vícios. De modo geral, prevalecia-se da força para afugentar o eleitor das urnas. Terminada a votação, esta se apurava imediatamente, pela própria mesa receptora, a qual, quando facciosa, furtava-se, não raro, a fornecer ao fiscal do partido contrário o boletim em que se consignava o resultado do pleito, o qual, ulteriormente, se alterara à vontade. Por esse meio foi esbulhado da direção do município, durante um triênio, o Partido Republicano do Turvo. Seu fiscal, no Distrito da Piedade, não conseguiu da mesa eleitoral o dito boletim, que, por força de lei, lhe era devido. No caso, foi aquele Partido a vítima, como podia ser o autor, que santo não era ele. E como não ser assim, se a corrupção vinha de cima e lavrava por todo o país? O que venho dizendo, refere-se às eleições municipais. As outras - as federais e estaduais - faziam-se a bico de pena, por toda parte. O eleitorado, por assim dizer, votava em massa, inclusive os mortos. Deixava-se, apenas, para dar-se à farsa aparência de legalidade, uma pequena fração. O livro destinado à assinatura dos eleitores ia a domicílio, no dia ou nos seguintes após a eleição, como testemunhei mais de uma vez em Distrito de município vizinho. Se o eleitor estivesse em casa, aporia a sua assinatura e se não, outrem o faria por ele. Para que trabalho, se pertenciam todos ao mesmo partido e se, em última análise, seriam os Congressos os apuradores do pleito, congressos facciosíssimos, que reduziam, à vontade, a votação de A para dá-la a B? Uma autêntica afronta ao país. A isso é que se dava o nome de eleição até 1930. Daí para cá, com a reforma eleitoral, cessou o escândalo das atas falsas e do reconhecimento de poderes, mas cresceu assustadoramente a corrupção nos domínios administrativos. Com o voto secreto ganhou-se na pureza da eleição, mas perdeu-se na qualidade dos eleitos, muitos deles incultos e de moral duvidosa.

xxxxxxx

Como eram estafantes, nas primeiras décadas deste século, as viagens, para quem seguisse o curso secundário! Não havia, como hoje, estabelecimento desse gênero senão nas capitais e as estações das vias férreas que iam a essas capitais ficavam, não raro, a dezenas de léguas dos pontos donde partiam os estudantes. E muito mais estafantes o foram para as gerações anteriores, que, de todos os quadrantes de Minas e até de outros Estados, demandavam o tradicional Colégio do Caraça. Viagens sempre a cavalo, única condução do tempo. As minhas e de meus irmãos, com destino a Belo Horizonte, eram, por certo, menos penosas: faziam-se em dois dias. Partíamos de nossa Fazenda da Bahia em demanda da Estação de Barbacena, cerca de 16 léguas do ponto inicial. Levava-nos o Cristino - um preto conversador - que nos ia entretendo com as pequenas peripécias de viagens anteriores de que ele participara, como "camarada" de outros viajantes e nunca se esquecendo de nomear os sítios por onde

passávamos. Era-nos grato travarmos conhecimento com certos núcleos populacionais de que sempre ouvíamos falar e que agora se nos ofereciam à vista, confirmando ou não a imagem de que deles tínhamos na memória. "Isto aqui é o Morro Grande", informava, apontando um aglomerado de casebres, cobertos de capim, que tantos braços forneciam às plantações das fazendas vizinhas. "Ali estava Matutu", outro núcleo de população, ainda menor - nome muito nosso conhecido. Logo adiante, numa depressão do terreno, à nossa direita, está o Azeite, ou melhor, Santo Antônio do Porto - um antigo arraial do município, cuja realidade se me afigurou inferior ao juízo que dele fazia. Poucos quilômetros adiante fica o chamado Porto da Campanha, no Rio Grande, cujo nome nos era também muito familiar. Atravessamo-lo em canoa e os animais, a nado. Arreados de novo na margem direita, prosseguíamos viagem, com as cavalgadas agora mais lépidas, após o banho que tão benéfico lhes fora. Cerca de 3 quilômetros mais e eis-nos chegados ao pouso - a Fazenda do Ribeirão, de Américo José Monteiro que nos recebia, à mineira, cavalheirescamente como também, fidalgamente, o éramos quando o pernoite tinha lugar na Fazenda Vista Alegre, de Eduardo Vargas, na Ventania, de Antônio Fagundes Monteiro ou noutra qualquer. Por toda parte a mesma fidalga hospitalidade mineira, tão justamente louvada pelos naturalistas estrangeiros que percorreram o nosso Estado no decurso do século passado.

Não obstante tão franca recepção, sentíamos o natural constrangimento de quantos - e dos adolescentes em particular - batem à porta estranha pedindo abrigo. Só o fazíamos premidos pelas circunstâncias, isto é, para o pernoite, e nunca por outro motivo. E isso desagradava a Cristino, que nunca deixava de insinuar quando nos aproximávamos de alguma fazenda: "Siá Calina recomendou que vacês não deve tê pressa e que deve tomá café nas casa". Minha mãe não confirmava as palavras de Cristino, mas suponho que lhe dava razão. Cedo, no dia seguinte, reatávamos a marcha, atravessávamos Ibertioga, sede do Distrito deste nome, e horas depois, nas proximidades de Barbacena, caminhávamos por entre longa e extensa plantação de amoreiras ainda em crescimento - que nutriria, mais tarde as larvas fornecedoras dos fios para a atual fábrica de seda da cidade. Transposto enfim, após dois dias de fatigante viagem, um arco com o dístico: Colônia Rodrigo Silva, entrávamos no perímetro urbano, em demanda da Praça da Estação, onde ficava o Hotel Aliança, a cuja porta batíamos - agora não contrafeitos, hóspedes que seríamos de uma hospedaria. Na madrugada seguinte, antes das quatro horas, despertava-nos o hoteleiro com estas palavras que conservo como das mais amargas de minha vida: "São horas. O noturno vem aí". Era o trem que nos levava a Belo Horizonte. Ao despertarmo-nos estremunhados, de profundo sono - sono de adolescente - era quando mais nos punha a amargura de quem volta aos estudos. Dava-se o inverso quando pernoitávamos em Sítio, de volta para as férias. E que outro era o nosso estado de alma. O que nos desagradava, como o despertar de madrugada, a longa viagem a vencer e o constrangimento do pouso em casa de família - tudo agora era menos penoso. Tomávamos o trem da Oeste que se destinava a São João Del-Rei, antes das 5 da manhã, saltávamos logo na primeira estação, Ilhéus - ainda noite. Aí, já nos esperava o Cristino, instalado no rancho destinado às tropas, à beira do fogo. Acercávamo-nos deste, tiritantes de frio. Era junho, mês frigidíssimo, ali, na Serra da Mantiqueira. Mal amanhecia, punhamo-nos a caminho de casa, tendo pela frente 14 léguas.

Essas viagens sucederam-se durante todo o curso ginásial. A primeira delas, porém, em 1903 - fizemo-la, José Ribeiro Salgado Júnior, José Gustavo Alves e eu - 3 adolescentes - e Sr. Gustavo Ernesto Alves, além do "camarada", o preto Miguel. Servia-nos de cicerono até Belo Horizonte - a nós que nunca saíramos do município - o Sr. Gustavo.

O que mais me atraía era a via férrea, já que em matéria de veículo meu conhecimento não ia além do carro de bois e de uma velha liteira existente no porão da nossa casa e em se transportava, outrora, minha avó Maria Cândida Nogueira – nas suas viagens da cidade para a fazenda e vice versa. A via férrea e a luz elétrica, eis pois o que mais me seduzira ao deixar o torrão natal. Partiu a nossa pequena caravana, dessa vez, de Turvo. Desta cidade a Barbacena sobe-se pouco, num percurso de 16 léguas. É bem de ver que se viaja em extenso chapadão com escassos veios d'água, em altitude quase invariável pois que essa pequena diferença de nível acentua-se já nas imediações de Barbacena. Mesmo o vale do Rio Grande é pouco profundo em nosso município e seu curso se faz suavemente. Só lhe aparecem as primeiras cachoeiras já no município de Lavras, sendo que uma delas - a de Itutinga - foi recentemente aproveitada para Usina deste nome. Não se encontra, com efeito, em tão longa jornada, nenhuma dessas gargantas - tão freqüentes alhures - onde se mergulha como em estreita e longa galeria subterrânea. Sempre os mesmos chapadões escampos, revestidos das gramíneas próprias da região, entremeadas, aqui e acolá, os tão conhecidos capões de mato. Eis o que a natureza nos oferece nessa viagem a caminho de Barbacena. Aos ouvidos quase não chega outra coisa a não ser o rechinar agudo das cigarras nos dias de sol.

E o Sr. Gustavo - velho conhecedor da zona - ia-nos nomeando os sítios de que tanto ouvíramos falar e que agora se nos ofereciam à vista. Ali estava a fazenda do Maranhão - uma das mais velhas da região, berço dos Ribeiro Salgado - e a de "As Posses", construída - esta última com o capricho e o bom gosto, então raros naquelas paragens. Era um vasto casarão obedecendo ao mesmo estilo colonial do tempo. Pertencia aos Teixeira de Resende - uma das famílias mais gradas da Comarca do Rio Grande. Com a abolição da escravatura e a economia nômade do país, seguiu destino de tantas outras: passou a mãos de pessoas de condição social inferior, e, de queda em queda, acredito não passe hoje de celeiro ou curral de gado. A incultura, aliada a condições econômicas menos favoráveis dos novos proprietários, eis a causa da decadência dessas velhas construções rurais, que traziam já no seu demasiado tamanho o germe de sua própria ruína. É que onerosa era a sua conservação.

Da família Teixeira de Rezende, o último proprietário de "As Posses" foi o Dr. José de Rezende Teixeira Guimarães - o Dr. Teixeira, como era conhecido - aumentativo que lhe definia a alta estatura, desempenada, varonil. Essa a impressão que guardo de seu físico, quando o vi, uma única vez, em 1899, ano em que, após longa ausência, apareceu em Turvo, sua terra natal, em visita a um filho adotivo, meu colega no internato de João Feliciano. Exercia ele, então, creio, as funções de Juiz Municipal ou de Direito, numa comarca distante. Cioso de seu nascimento, sempre bem posto, não é de estranhar que granjeasse a fama de orgulhoso, talvez procedente pelo que dele se contava. Seria uma espécie do Pacheco, do Eça, a julgar pelas tiradas vazias que dele transmitiram os seus contemporâneos, entre outras esta, aplicada a um rábula com quem contendia numa causa: "Com minha espada temperada nas forjas da ciência não devo bater-me com um espeto de cozinha".

Foi sempre solteiro e, não sendo Catão, infringia certos preceitos da moral cristã. Assim é que - segundo ouvi a um de seus contemporâneos - não hesitava em transportar para sua Fazenda, uma ou outra mundana de luxo, que aí fazia seu estágio, até que farto dela ou ela dele, a recambiasse ao ponto donde viera, substituindo-a por outra. Os parentes - gente de moral severa - sentiam-se algo atingidos por sua conduta desabusada, mas ufanavam-se de possuí-lo entre os seus membros.

Mais algumas léguas e eis-nos atravessando a sede de um dos distritos do município de Lima Duarte - pequeno arraial - cujo nome causa riso a quem o ouça pela primeira

vez: "Santa Ana do Garambéu". Constituía mote de troça para nossos companheiros de pensão em Belo Horizonte. Procuravam ridicularizar-nos como se fora ele o nosso torrão natal. Debalde explicávamos que nada tínhamos a ver com Santa Ana do Garambéu e que, em matéria de nome exótico, bastava o nosso - Turvo - em boa hora substituído por Andrelândia que, além de sonoro, é um preito de homenagem a André da Silveira - fundador da cidade. Mas, impenitentes, os rapazes voltavam sempre à carga, reincidindo no engano de considerar-nos filhos de Garambéu. E seguiam-se discussões acaloradas. De uma feita, um dos nossos - menino inteligente e que já prenunciava o brilhante advogado que viria a ser - teve esta réplica: "Essa questão de terra é coisa muito séria". Hilaridade! E a frase ficou na pensão como um estribilho, tanto a repetiam os nossos opositores. Aliás, esses nomes estranhos não são privativos de Minas. Pertencem a todo o país e sobretudo ao Norte, onde há um "Pilão Arcado", um Catolé do Rocha e outros ainda mais exóticos. Indo mais longe, Portugal, nesse terreno, leva a palma a qualquer outro país. Lá existe um "Freixo de Espada à Cinta" e tantos outros, cada qual mais estranho, como se vê das suas obras literárias. Encerrando essa breve e intempestiva digressão, retomemos o fio da narrativa. Logo depois de Garambéu, chegamos ao "Pico" - pequeno sítio - que tira o nome de um serrote que se apruma ao lado da casa - ponto culminante de algumas léguas em torno. Aí acampamo-nos à vontade. É que em Pico hospedava-se mediante remuneração: era uma casinha tosca, mas forrada e assoalhada, com dois pequenos quartos. Os colchões eram de palha de milho onde se afundava o corpo e isso favoreceu-nos contra o frio - intenso naquela altitude de mais de mil metros, naquele mês de agosto. Os roncos de quem dorme, o ruído das palhas dos colchões, as pulgas - se é que as havia - nada disso nos tiraria o sono, a nós, rapazolas, que tínhamos viajado sete léguas, a cavalo.

O segundo pouso foi a Fazenda da Vista Alegre, de Eduardo Vargas. O Sr. Gustavo apresentou como credencial o seu conhecimento com Tobias de Paula Campos, fazendeiro em nosso município, irmão de D. Balbina, esposa do Sr. Eduardo Vargas. Tivemos ótima recepção, como a teríamos, sem aquele recurso, à boa moda mineira. Desde então, jamais o Sr. Eduardo e D. Balbina deixaram de arcar com o ônus de minha hospedagem e de meus irmãos Alípio e Altino, durante o nosso curso secundário. E nossa acolhida foi sempre cordial por parte desse casal, que tão bem representava as virtudes e o espírito hospitaleiro dos filhos de Minas. Embarcamos em Ilhéus, hoje Padre Brito, lugar para mim histórico porque foi aí que vi pela primeira vez o trem de ferro. Ao aproximar-se este da Estação, Miguel, o nosso "camarada", simplório e tagarela, exclamou: "Êta bicho bonito! Como ele vem espirrano fogo e soprano fumaça! Inda hei de montá nesse bicho de espora!" Miguel era "peão", isto é, domador de animais, donde tão extravagante idéia. Viagem normal. Nada digno de nota a não ser violenta altercação entre dois agentes de hotéis, ambos cabalando a nossa freguesia. Chegariam às vias de fato, não fora a interferência do chefe do trem. O Sr. Gustavo, a princípio indeciso, rendeu-se afinal ao argumento de um deles. É que seu hotel dispunha de carro próprio, aguardando os fregueses na Estação. E lá seguimos puxados por dois cavalos, rumo ao Hotel Romanelli.

Era o tempo em que a oferta excedia a procura. Os hotéis procuravam os hóspedes em Estações distantes. Entramos logo, José Gustavo e eu, no exame de admissão ao 1º ano. Apenas leitura, ditado e as quatro operações. Aprovados plenamente.

Começa então para nós a vida de ginasianos em Belo Horizonte, cidade novíssima, com pouco mais de dez anos - onde então os magistrados - segundo Afonso Arinos (Sobrinho) - transitavam a cavalo pelas ruas. Ainda alcancei aí alguns médicos usando esse meio de condução; entre os quais o Dr. Olinto Meireles a quem chamei certa feita para meu irmão Alípio, acometido de sarampo. Enquanto ele examinava o doente, o seu cavalo - um tordilho queimado e bem nutrido - o esperava à sombra de um pé de

magnólia, já frondosa, na Rua Cláudio Manoel. Ruas largas, longas, com sua arborização em período de crescimento, mas sem casas. Eis o que era Belo Horizonte de então. Apenas o centro da cidade e o Bairro dos Funcionários ostentavam o seu casario cerrado, tendo como ponto comercial a Rua da Bahia por onde corria a única linha de bonde, ligando o sul da cidade ao norte.

Depois de formado o espírito, o meio pouco altera o homem. Vejo confirmado em mim esse conceito do Padre Vieira:

“O homem aonde vai leva a si consigo”. Adolescente, introvertido, fundamente marcado pelo meio rural donde vim, quase nada me modifiquei em Belo Horizonte. Arredio, tímido, não participava das expansões dos colegas nas horas de recreio. Nos intervalos das aulas, sentado em minha carteira, alheio ao que se passava em torno - em retraimento que se poderia interpretar como mórbido. Nos boletins, enviados mensalmente aos pais pelo bedel, minha nota de comportamento era invariavelmente esta: ótima. E não me variaram os hábitos durante todo o curso.

Do Ginásio para a Pensão e desta para aquele. Estudar, eis a preocupação única. Se ali estava para isso, isso se devia cumprir à risca. Proceder doutro modo seria desonesto - idéia que trazia bem gravada no espírito. Seria lesar pecuniariamente a meus pais. Pensará assim a geração atual? Vejo tudo tão mudado...

Com tal método de vida, é de ver que, não tendo feito embora curso brilhante, nunca fui reprovado e nunca deixei um exame para a 2ª época, tanto no curso ginásial como no superior. Gozava integralmente as férias requerendo exames no primeiro dia de inscrições e as chamadas se faziam obedecendo a ordem daquela. Livrava-me, pois, do pesadelo dos exames, logo nos primeiros dias e eles - principalmente na Escola de Medicina - se arrastavam, não raro, por dois meses. Com hábitos assim retraídos, é bem de ver não guarde eu saudade de meus tempos de estudante, em nenhum dos cursos - primário, secundário e superior - em Andrelândia, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Em meios tão diferentes, fui sempre o mesmo: fechado, retraído, quase misantropo. Por toda parte onde me agito “trago me a mim mesmo comigo”.

Finalmente aqui estou, na capital da República, há longos anos e jamais me despi daquilo que Tristão de Ataíde tanto louva e não deseja ver desaparecido: o “mineirismo”, esse mineirismo que, segundo ele, nunca deixou Afonso Arinos, cuja vida transcorreu, em grande parte, em Paris e excursões pelo mundo. Esse mesmo mineirismo que, segundo o mesmo Tristão, transparece em outros grandes espíritos como Afonso Pena Júnior e Carlos Drummond de Andrade. É a marca do torrão natal que se grava indelevelmente nos caracteres fortes e que só desaparece nos espíritos maleáveis.

Não tendo nenhum conhecimento prévio de matemática e não tendo tomado dela professor particular, é bem de ver a dificuldade que se me deparou nessa parte básica do curso. Resolvia mecanicamente os problemas. Não os assimilava. Posso mesmo dizer - e disso não me envergonho, certo de que o mesmo sucedeu a muitos médicos e muitos advogados ilustres, que fizeram o curso de matemática sem entendê-la. Muito mais tarde, já cinquentão - sempre insatisfeito com essa lacuna em meus conhecimentos - procurei rever, apenas por curiosidade, a matéria - que tanto me amargou o tempo de estudante. Recebi - então, que se me revele o que possa parecer presunção - o estalo de Vieira, quando dele já não necessitava. Tive, porém, a sensação agradável de quem, mergulhado em trevas, lobrigasse uma réstia de luz, a qual, penso, chegaria à sua plenitude, se necessitasse refazer meu curso de matemática. E que falta me fez ela para o interessantíssimo estudo de física!

As aulas funcionavam num prédio ao lado da Praça da Liberdade, no final da Rua da Bahia, construído, creio, que para um Quartel. Vindo de colégio do interior, imbuído da

idéia de que o professor é um segundo pai, a quem se deve cega obediência, causou-me estranheza a algazarra que faziam os estudantes, na entrada e saída das aulas, falando alto, atropelando-se mutuamente, esbarrando nas carteiras, em franca desobediência ao bedel, a quem não atendiam. Dentro das salas de aula, porém, com a presença do professor - quedos, atentos, respeitosos - já não pareciam os mesmos. Apagara-se-me, pois, a má impressão que me deixara o primeiro contato com o Ginásio, na sua parte disciplinar. Viva era a curiosidade com que aguardava a primeira aula de cada cadeira: a de conhecer o respectivo catedrático. Criada pelos alunos que por eles já haviam passado, corria, a respeito de cada qual, uma versão verdadeira ou falsa: esse era ríspido, severo, reprovador; aquele, tolerante, cordato, não dando zero senão excepcionalmente.

No consenso unânime porém, de todos, cada qual era um sábio na sua cadeira. Assim os considerei no meu tempo de estudante. Somente, mais tarde, reportando-me ao passado, é que se me reformou o juízo, fazendo restrições a cerca desse ou daquele, seja quanto à sua competência, seja sobre seu método didático. A Aurélio Pires - professor de Português - conheci, como já o disse - no exame de admissão. Era acatado, não só no seio da Congregação, como nos meios cultos da capital. Escrevia em bom estilo, sóbrio, elegante, artístico. Admirava os clássicos da língua, mas a eles não se aferrava como a únicos que devessem ser lidos. Encantava-se com Eça, Machado de Assis e outros grandes escritores da época.

Define-lhe bem o espírito este pequenino episódio que presenciei: um dos discípulos deu-lhe o título de Dr., ao que Aurélio Pires - farmacêutico pela Escola de Ouro Preto - corrigiu logo: "Diga, apenas, Sr. Aurélio". Douto, como era, bem que merecia o título.

A Mendes Pimentel - professor de Geografia aguardei com redobrada curiosidade, precedido, como vinha ele, de fama de ser o "maior" advogado de Minas, frase que ouvira de colegas meus, ainda na idade em que se acreditava em valores absolutos. Finalmente, entrou ele na sala de aulas sobraçando um maço de jornais. Alto, esbelto, simpático, cenho algo carregado. A turma, como é de praxe, levantou-se incontinente, movimento que ele corresponde com um gesto, como quem diz: sentem-se.

Transcorriam-lhe as aulas com o silêncio e o respeito devidos a tão insigne mestre. Isso, entretanto, não impediu que ocorresse entre ele e um aluno, um pequeno incidente, que redundou em benefício desse aluno - Alonso Mascarenhas. Este, no decurso da preleção, sacou o seu relógio de bolso. E Pimentel:

"Se tem pressa, pode retirar-se". Alonso, que já orçaria pelos seus 15 anos, melindrado, não esperou por segundo convite: saiu imediata e definitivamente. Fez exames parcelados e matriculou-se em curso superior antes de nós - outros - que seguimos o Ginásio, donde o benefício a que me referi.

Pimentel - lente da Faculdade de Direito e advogado de larga clientela - dava apenas duas ou três aulas e entrava em licença, passando a cadeira a Nelson de Sena, que lecionava também História da Civilização, como se diz hoje, e do Brasil, tendo principalmente por esta última, isto é, pela história do Brasil e particularmente pela de Minas, verdadeira paixão. Não comungava, pois, como bom mineiro, com Capistrano de Abreu, que julgava possível escrever a História do Brasil Colonial, sem citar o nome de Minas. Antipatia gratuita e inconcebível em tão alto espírito.

Era Nelson de Sena, como Pimentel uma figura que se impunha. Bom físico, bom orador, suas preleções atraíam, pela erudição e pela fluência com que expunha a matéria. Defensor de D. João VI, aconselhava-nos que lêssemos o trabalho de Oliveira Lima acerca desse monarca, cuja memória, pelo muito que fez pelo Brasil, devia ser reverenciada e não ridicularizada, como o fazem as crônicas. Lecionava aritmética Amedée Peret, competente, mas acanhado, sempre corando por qualquer coisa. Era

uma dama no trato. Citar José Inácio - professor de desenho, é completar o quadro dos lentes da primeira série ginásial.

Quanto aos outros - os das séries superiores - quando para elas entrei, já os conhecia, a todos, atravessando os corredores do Estabelecimento, entrando ou saindo das aulas. Citar-lhes-ei, apenas os nomes: Cônego Cirilo, professor de Francês; Boaventura Costa, de Inglês; Benjamim Flôres, de Latim; Domiciano Vieira, de Geometria; Gabriel Rabelo, de História Natural; Virgínio Bhering, de Física e Química; Afrânio de Melo Franco, de Lógica; Rodolfo Jacó, de Grego; cadeiras - estas duas últimas - que não estudei por serem facultativas.

Como se vê, bom corpo docente, mas que não operava milagres, tanto é certo, que não é o professor que faz o aluno.

Disse, alhures, que nunca fui reprovado, quando estudante. Retificando devia acrescentar "senão uma vez". Com efeito, fui inabilitado no segundo ano de Desenho. E foi essa, creio, a primeira vez que se reprovou nessa matéria no Externato do Ginásio Mineiro. Havia no seio da congregação, como que um tácito acordo: aprovar sistematicamente em Desenho. Daí a surpresa geral e o choque violento para nós, outros, os reprovados, ao recebermos a amarga notícia da ruptura daquela praxe. Em todas as cadeiras cumpra-se, na prova escrita e na oral, a exigência do regulamento: o sorteio do ponto, exceto em desenho. E foi esse - o não sorteio do ponto - o argumento em que se basearam os reprovados - cerca de uma dezena - para pleitear junto ao Conselho Superior de Ensino, a anulação dos exames da cadeira de desenho. E o conseguiram. De sorte que todos, aprovados e reprovados, submeteram-se a novos exames. Não apus a minha assinatura ao memorial em que se pedia ao Conselho a anulação dos ditos exames. E isso, por dois motivos: pelos ataques, que julguei injustos, ao lente da cadeira e pelo mal que se faria aos colegas aprovados, forçando-os a novo exame, sem nenhum proveito para nós - os reprovados - obrigados de qualquer modo, à segunda prova.

Quando entrei para o ginásio, já se havia encerrado regime de exames parcelados para matrícula nos cursos superiores. Indispensável seria cursar aquele durante seis anos. Acontece, porém, que, por isso ou por aquilo, talvez para favorecer algum filho de Ministro, foi concedida mais uma época do regime extinto: poderia aproveitar dessa exceção quem já tivesse algum preparatório feito. Tendo concluído o quinto ano ginásial, preenchia eu plenamente tais condições. Gozava mui tranqüilamente minhas férias em nossa Fazenda da Bahia, quando recebo de Belo Horizonte uma carta de meu irmão Alípio, contando-me o fato. Parti, incontinentemente para aí. De Física, Química e História Natural, havia adquirido no 5º ano ginásial, bom conhecimento. A História do Brasil - outra cadeira de que prestaria exame - não me amedrontava. Requeri, pois, exame, procedendo, desta vez, de maneira inversa ao que era usual: entrei com meu requerimento, não no primeiro dia das inscrições, mas no último. Sendo, por esse meio, dos últimos a serem chamados, mais tempo teria para o estudo. Durante cerca de dois meses - tempo em que duraram os exames - não fiz outra coisa senão estudar. Não tomei conhecimento do carnaval. E isso causou admiração aos companheiros de pensão. Fui aprovado plenamente em todas as cadeiras, exceto em História Natural em que a nota foi: "simplesmente". Ganhei, pois, um ano no meu curso secundário, o mesmo sucedendo a 2 ou 3 colegas. Era de ver o derrotismo dos invejosos, que não se arriscaram à "aventura". A cada aprovação que se lograva, lá vinham eles "nessa você passou, mas não passará nas outras". E que esse era o desejo deles, dos condiscípulos "amigos".

Chegando a Belo Horizonte fomos - Zequinha Salgado, José Gustavo e eu - morar na Pensão de D. Mariquinhas Camargo, na rua Cláudio Manoel, onde já residiam outros estudantes conterrâneos nossos. Não havendo acomodação para todos, D. Mariquinhas

alugou uma casa em frente, distante da sua apenas a largura da rua. Instalamo-nos aí, com outros pensionistas. Um destes por chamar-se Epaminondas deu a essa dependência da Pensão o nome de "República Tebana". É que Epaminondas, general grego, era natural de Tebas, donde a lógica extravagante do seu homônimo mineiro. O quintal dessa "República" confrontava com a casa do Professor Aurélio Pires. Seu filho, Gudesteu, que se instalaria depois como Catedrático de Direito, como Deputado e como Banqueiro, burlava, às vezes, a vigilância dos pais, procurando a nossa companhia, atravessando a cerca que separava os dois quintais. Sua mãe, ilustre dama - quando percebia, gritava logo por ele, julgando, talvez, que nossa companhia lhe pudesse ser nociva. E o nome - Gudesteu! - chega-nos, nítido, aos ouvidos, coado através de denso arvoredado. E Gudesteu, astucioso, só acudia ao chamado, quando já dentro do pomar de sua casa. A que disciplina o sujeitavam os pais! Horas certas para tudo. Eis a vantagem dos filhos de intelectuais, sobre os que o não são. Se aqueles são severos e os filhos dóceis, menos áspero lhes é o caminho do sucesso. Favorece-os o ambiente doméstico que é como que uma aula permanente. Embora adolescente, em vendo aquela disciplina já refletia eu sobre a vantagem de quem estuda sob a vigilância paterna. Era Gudesteu encarregado, pelo pai, de corrigir os exercícios de português - trabalho feito em casa. Estava ele na 4 série e eu na 1ª embora sendo ele mais moço. De uma feita elogiava ele uma prova, cuja nota me antecipou, antes de ser levada em aula. E nela o que mais louvou foi a letra - talvez com inveja, sendo a sua péssima. Transferindo sua residência para outra casa, Aurélio Pires cedeu a sua a D. Mariquinhas, onde passou a funcionar sua pensão. Nessa casa estive cerca de dois anos, a princípio como seu pensionista e depois, deixando ela a Pensão, como pensionista da Maria, casada com um mulato pernambucano, algo malandro, o Manoel. Maria, criada desde pequena por D. Mariquinhas, era uma preta ativa e de confiança. Tornamo-nos, eu, Alípio meu irmão, e os 2 irmãos Mário e Armando de Carvalho Rocha, seus pensionistas. Respondíamos - os 4 - pelo aluguel da casa.

Com a transferência dos irmãos Rocha para o Rio, entregamo-la ao proprietário, passando eu e Alípio para a Pensão de D. Senhorinha Farneze, situada na Rua da Bahia, junto ao Parque Municipal, pensão por onde passou muita gente que brilha hoje na Política, na Magistratura, nas Letras, no Magistério e outros ramos de atividade. D. Senhorinha e seu marido - o Capitão Farneze, ou simplesmente o Capitão, como era chamado - já excediam os 70 anos. Ela, alta, gorda, o semblante meio balofo; ele, alto, esbelto, de cavanhaque, trazendo sempre na cabeça um gorro. Lendo, mais tarde, "Os Maias", encarnei na pessoa do Capitão Farneze a figura física de Afonso da Maia, embora este, como idealizara o autor, fosse "um pouco baixo, maciço, de ombros quadrados e fortes".

Era D. Senhorinha muito visitada por pessoas gradas do Norte de Minas. Uma delas era o Comendador Lessa, pai de Pedro Lessa. Foi aí, na sua Pensão, que vi pela primeira e única vez, o poeta Guimarães Passos no seu último ano de vida, muito pálido, sentado num sofá de palhinha, contando para uma pequena roda, que o ouvia atenta, passagens de sua boemia no Rio. Ao passar pelo grupo ouvi-lhe apenas estas palavras: "Éramos eu, o Bilac ..."

O único filho do casal - Dr. Gustavo Farneze - foi nomeado por Afonso Pena, Presidente da República, juiz de Direito de Rio Branco, no Acre. Essa Região, era, para D. Senhorinha, um verdadeiro espantinho. Julgava o filho morto. Tudo fez para obstar-lhe a partida: apelos, rogos, lágrimas. Tudo em vão. Exasperava-se com a impassibilidade do Capitão que não participava de seu pavor. "Deixe ir o rapaz", eis como ele respondia às lamúrias da esposa. Enquanto o filho por lá esteve, onde grassava de modo apavorante o impaludismo, D. Senhorinha ralava-se de angústia. E era a tremer que abria as cartas do filho, sempre temerosa de má notícia, E foi um alívio, quando, o filho de volta, lhe caiu, nos braços, aposentando como desembargador.

Cidade nova hoje e novíssima há 50 anos, época em que transcorreram os fatos aqui evocados, é natural que Belo Horizonte, edificada sob medida, despertasse a atenção de turistas nacionais e estrangeiros. Logo que aí cheguei por volta de 1903, conheci a Santos Dumont, já no auge da glória. Sua presença era objeto de intensa e justa curiosidade. Todo mundo queria ver de perto o patricio glorioso que despertara a atenção do mundo inteiro. Com visível descontentamento seu, o Grande Hotel, onde se hospedara, enxameava de curiosos. Tímido, como o era, preferia passar despercebido. Gratíssimo lhe seria o anonimato. Seu genial invento, porém, jamais lhe permitiria esse incomparável gozo. Debaixo da escada interna que dá acesso ao 1º andar do hotel e na rua em frente, comprimia-se verdadeira multidão de curiosos. Eis que do seio dela ergueu-se a voz de José Eduardo da Fonseca, 5º anista de Direito, saudando o voador, que, do patamar da escada, escutava, contrafeito, a oração do moço entusiasta, cujas primeiras palavras guardei na memória: "Bem vindo seja, ó Rei dos Ares". Este ouviu e não respondeu à saudação do moço patriota. Não tinha o dom da oratória, como não o tinha Osvaldo Cruz, homens do "Res, Non Verba". E quem mais glorioso do que eles?

Nesse mesmo Grande Hotel, conheci, mais tarde, a Joaquim Nabuco, então Embaixador nos Estados Unidos. Acompanhava-o Graça Aranha. Os estudantes da Faculdade de Direito fizeram-lhe uma manifestação de apreço. Saudara-o de improviso, em belo discurso, em nome dos colegas, o acadêmico Demerval de Sá Lessa. Embora ginásiano, acompanhei, curioso, os manifestantes. De uma das sacadas do hotel, também de improviso, é claro, respondeu Nabuco, cuja oração, taquigrafada, encheu na manhã seguinte, duas colunas do "Minas Gerais". Falou ainda Graça Aranha, cujas palavras foram um hino à glória de Nabuco. Este protestava contra os elogios, à queima roupa, fazendo menção de tapar com a mão espalmada a boca, ao amigo lisonjeiro, donde jorrava, em seu louvor, verdadeira catadupa de mel.

Muitos outros nomes nacionais vi pelas ruas, sempre acompanhados, em visita à Capital Mineira, como, entre outros, José Veríssimo, Alberto de Oliveira, Nilo Peçanha, então Presidente do Estado do Rio. Bela figura física, envergando a sua sobrecasaca bem talhada, apurava-se Nilo, discursando no Palácio da Liberdade, ao lado de Francisco Sales, Presidente do Estado. Do que disse, nessa oportunidade, guardei esta frase: "Minas (por que não dizer?) é a Jerusalém do Brasil".

Se fosse falar da prata da casa, muitas figuras proeminentes poderia citar, perambulando, a pé, pelas ruas, na sua modéstia bem típica do mineiro. Eram Edmundo Lins, Hermenegildo de Barros e tanta gente mais que, do âmbito estadual, se transferiu para o federal.

Eis, em resumo, minhas lembranças de Belo Horizonte, donde saí em março de 1909, para nunca mais voltar.

xxxxxxx

Em meu livro - "Andrelândia" - querendo acentuar o fato de que o andrelandense ama os estudos, afirmei que muitas dezenas deles são diplomados em cursos superiores - número notável para tão pequena população. A quase totalidade, porém, desses portadores de títulos pertence à geração deste século, depois de extinta a febre amarela na Capital da República. Nesta é que estavam então quase que exclusivamente, as Escolas superiores. E era, deveras, temerário afrontar aquele flagelo, principalmente para os mineiros, cujo sangue parecia atrair, de preferência, o mosquito, que se veio descobrir como transmissor da moléstia. Antes de Osvaldo Cruz,

com efeito, raro era o andrelandense ou melhor, o mineiro, que ousasse vir ao Rio, a passeio e muito menos para estudo. E o motivo era o justificado terror da terrível endemia, que, durante mais de meio século, tantas vidas roubou ao país. Para demonstrar como se justificava esse pavor, basta dizer que no penúltimo decênio do século passado, três moços conterrâneos conceberam, por exceção e talvez contra vontade dos pais, a idéia temerária de conhecer a Capital do País. Dois deles contraíram a moléstia, de que um veio a falecer. Mais tarde, já nesse século, um estudante de medicina, da família Meireles, filho de Aiuruoca - único desse município a estudar no Rio - pagou com a vida a sua temeridade. Esses fatos, conhecidos e comentados na zona, aterrorizavam os chefes de família, que preferiam os filhos vivos, ainda que analfabetos. Daí o motivo por que tantos eram os médicos, magistrados, engenheiros, filhos de outros Estados, a exercerem sua atividade em Minas, E que poucos eram os mineiros que estudavam. E não será esse um dos motivos porque, durante tanto tempo, após a chamada Escola Mineira, Minas exibiu nas letras - segundo Tristão de Ataíde - apenas três nomes: Bernardo Guimarães, Afonso Arinos e Alphonsus de Guimaraens - ao contrário do que se vê hoje, em que, diz o mesmo Tristão, possui ela "quicá o mais impressionante conjunto cultural de nossos dias?" No século passado e no começo deste, ao contrário de hoje em que se utiliza a prata da casa, os magistrados e médicos, não apenas em Andrelândia, mas de quase todos os municípios, eram filhos de outros Estados. O primeiro Juiz de Direito da comarca de Turvo, hoje Andrelândia, era pernambucano - Dr. Miguel do Nascimento Feitosa, assim como também nortista era o Dr. Joaquim Feijó de Albuquerque Lins, carioca o Dr. Isidro Pereira de Azevedo, etc. O mesmo direi quanto a Promotores e Médicos, que, na sua quase totalidade, não eram mineiros.

Concluídos os preparatórios, apresentou-se-me o problema da carreira a seguir. Por exclusão optei pela medicina. Para advogado - profissão em que mais se exige o uso da palavra - sentia-me demasiadamente tímido; para Engenharia, fraco em matemática. Quando anunciei aos pais a intenção de matricular me na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, deles obtive aprovação plena. É que estávamos em 1909, época em que já saneada estava a capital do país. Do contrário teria eu essa objeção: "E a febre amarela?" E eis porque, em 1914, seis anos depois, mandava a nossa Faculdade para o interior, mais um médico mineiro que se incorporaria às poucas centenas, diplomados antes dele e aos milhares que vieram depois. Graças, pois, a Osvaldo Cruz, já não necessitava Minas de importar esculápios e bacharéis em Direito. No início do século estes já sobravam. Sua plethora incomodava a João Pinheiro que neles via um mal para o país, que necessitava, segundo ele, não de bacharéis, mas de industriais e agrônomos. E era com manifesta má vontade que os recebia em Palácio. A um deles, que lhe fora pedir uma Promotoria, fez essa pergunta: "Sabe em que conta tenho os bacharéis?" E ele mesmo respondeu: - "Como "titica" de galinha".

Terminado o curso ginásial, cessaram minhas jornadas, a cavalo, via Barbacena. Mas começaram outras, de 8 léguas, que nos levavam a Bom Jardim, onde se embarcava para o Rio. Algo devo dizer sobre Bom Jardim, hoje independente como município, mas ainda subordinado à Comarca de Andrelândia. Foi Bom Jardim o 1º ponto de Andrelândia a possuir a sua via férrea. Somente depois de alguns decênios é que a sede da Comarca conseguiu a sua. Situado nas fraldas da Mantiqueira, a mais de mil metros de altitude é Bom Jardim um dos municípios mais frios de Minas, onde no inverno o termômetro desce a zero. Outrora ponto de embarque e desembarque de mercadoria de extensa zona, é bem de ver que intenso era o seu comércio, antes de inaugurada, em 1914, a via férrea que serve Andrelândia. Tropas e tropas de muares aí chegavam e saíam transportando cargas. Falar em Bom Jardim e não falar no "Hotel do Francelino" é como ir a Roma e esquecer que aí exista o Papa. Foi sempre ele - Francelino José de Paula - o único hoteleiro da localidade e isso já seria bastante para

torná-lo popular. Concorria, porém, para o mesmo fim o seu espírito galhofeiro, muito apreciado pelos caixeiros viajantes, que traziam sempre na boca uma pilhéria sua a contar. E era com elas - com essas pilhérias - que ele se descartava das reclamações que, acaso, lhe fizessem os hóspedes. Embora nem todas fossem originais, Francelino sabia aplicá-las com graça e a propósito e, assim, tudo se lhe perdoava: "O senhor mal chegou e já está reclamando contra o desconforto. E eu que aqui estou há 40 anos"?! Havia no Hotel poucos quartos e a freguesia não era pequena. Para satisfazê-la, não raro, estendiam-se colchões no chão das salas, de entrada e de jantar. A certo hóspede cerimonioso, que fora forçado a pernoitar aí respondia Francelino a cada interpelação: - "Não se incomode. O senhor terá o seu quarto". Chegada a hora de se fechar a casa, traçou ele, a giz, no assoalho da sala, retângulos, medindo cada um, as dimensões de uma cama e diz ao hóspede exigente, apontando-lhe os ditos retângulos: -"Aqui estão os quartos. Escolha o senhor um deles". Como era hotel único, outra saída não teve o freguês, senão conformar-se.

De uma feita narrava a um hóspede a sua vida passada, considerando-a, talvez, uma odisséia, quando a esposa o chama. Acudindo ao chamado imperioso, voltou logo com um colchão às costas e, dirigindo-se ao ouvinte, concluiu a narrativa interrompida: - E nas horas vagas, como o senhor vê, carregou colchão. Sua esposa, muito mais velha, enciumada, vivia com ele às turras. Isso muito divertia os caixeiros viajantes que a açulavam contra o marido, contando e inventando coisas dele. E quanto mais se exasperava ela, mais se divertiam eles. Subia-lhe de pronto a raiva, vendo a indiferença e o bom humor com que o marido lhe recebia as catilinárias. Isso sucedia, como presenciei, geralmente às refeições, servidas numa mesa comum.

Era aí, em Bom jardim, que se tomava o trem da então chamada E. F. Sapucaí, que nos levava a Barra do Piraí. A máquina se movia a lenha. Nunca se chegava à hora, à estação terminal. Vários descarrilamentos se verificavam em cada viagem, mas, felizmente, sem nenhuma consequência trágica, dada a lentidão da marcha. Se assim não fora, seria temeridade embarcar em tal comboio. Tão adestrado (pela repetição do trabalho) estava o pessoal do serviço que, em minutos repunha-se na linha o carro ou carros descarrilados. Acerca desse péssimo serviço, corriam pilhérias que traduziam a absoluta realidade dos fatos. Se alguém tinha imperiosa necessidade de estar a determinada hora em determinada Estação, preferia, por segurança, viajar a cavalo ou a pé. Leito térreo, como era, envolvia-se o trem em espessa nuvem de pó. Ao subir das rampas, chuveiros de fagulhas acesas ameaçavam a roupa dos passageiros que, nem sempre se defendiam delas a tempo. Denunciava-a, neste último caso, o ardor da pele ou, antes deste, por felicidade da vítima, o cheiro de pano queimado. Em trem assim, tão desconfortável, é que amarguei minhas viagens para o Rio durante o curso médico, iniciado em 1909, época em que conheci a capital do país. Curioso, tratei de, logo na manhã seguinte, travar conhecimento com a Escola, de que sairia, em 1914, com meu diploma de médico, encerrado no clássico canudo de lata.

Funcionava ela, então, na Praia de Santa Luzia, num velho pardieiro que fazia corar de vergonha os nossos lentes, quando visitados aí por colegas estrangeiros. Era uma área no andar térreo, em torno da qual ficavam algumas salas de aulas, mais ou menos sórdidas. No andar superior, ficavam a sala da congregação, a secretaria e outras dependências do serviço administrativo e também algumas outras salas destinadas às aulas.

Foi aí, na Praia de Santa Luzia, que vi, pela primeira vez, o mar, cuja água, como é de praxe, provei, para certificar-me se, de fato, era salgada. Separava-o da Escola - antes do aterro que o recuou para longe - apenas a largura da rua. E em dias de ressaca não era raro que estudantes imprudentes, debruçados no cais, recebessem dele - desse

mar sempre insidioso - a sua carga d'água fria, fato que muito divertia os colegas, sempre prontos a expansões de hilaridade, nessa quadra da vida.

Foi-me deveras desagradável, como é natural, o primeiro contato com a sala em que estudantes de anatomia retalhavam cadáveres. Ao deixar o prédio naquela minha primeira visita, repugnou-me, sobremodo, o café com leite, cuja cor me lembrava a do cérebro que estudava um aluno, O mesmo direi quanto ao bife na mesa de refeição. Tudo, porém, passou em poucos dias, tal a facilidade com que, pela sua repetição, se embotam as nossas sensações.

Não passara ainda o período do "trote" aos calouros quando, ao cômico de suas cenas, sucedeu uma tragédia brutal, que abalou o espírito público repercutindo intensamente na Imprensa e no Parlamento. Dela se aproveitou a oposição (iniciava-se a Campanha Civilista) para atacar de rijo o Governo de Nilo Peçanha e seu chefe de polícia - o General Souza Aguiar. Tendo este último, no exercício do cargo, tomado certa medida, antipática à classe acadêmica, entendeu esta, em má hora, fazer-lhe o enterro simbólico - inofensiva pilhéria que vem de longe no tempo. Não poderiam os estudantes suspeitar do que os esperava. Seguiam-lhe os passos, acotovelando-os, prontos a entrar em cena em momento oportuno, policiais à paisana - verdadeiras feras em forma de homens. Ao transitar pelo largo S. Francisco o "caixão" fúnebre, carregado e acompanhado por numeroso grupo de estudantes - falsamente compungidos e pois, em atitude pacífica - eis que, de súbito, entram em ação os sicários, agredindo-os brutalmente, apunhalando dois deles, que tiveram a vida cortada aos vinte anos, ambos da primeira série médica: Guimarães e Junqueira. Ficaram-lhes os corpos expostos em câmara ardente numa das salas do velho pardieiro da Praia de Santa Luzia onde então, como já disse, funcionava a Escola de Medicina. Filho do interior, não teve Junqueira (não sei se o mesmo sucedeu a Guimarães) um parente sequer que lhe velasse o corpo e o acompanhasse no caminho de sua última morada. Tais eram as dificuldades de comunicação do tempo, que a sua própria mãe, viúva, só pela imprensa veio a ter conhecimento do fato. No dia seguinte, realizou-se com grande acompanhamento o enterro, dia de sol radiante, contrastando com o fúnebre da cena. Feliz foi, pois, o estudante que, em nome da classe, se despediu dos colegas assassinados, iniciando a sua oração com este verso de Bilac: "Morrer assim, num dia assim, com um sol assim".

Era Junqueira, neto de Francisco Teófilo dos Reis, proprietário da Fazenda Bela Vista, confrontante com a de meu pai - "A Bahia". D. Aninha achava-se justamente na "Bela Vista" quando lhe assassinaram o filho. Meu pai, por acaso, testemunhou o terrível choque com que recebeu ela, pelos jornais, a trágica notícia. Passava ele pela frente da "Bela Vista", a cavalo, em trânsito para uma de suas propriedades - "A Frieza". Fiel ao hábito antigo, não deixaria de fazer aí breve estágio para avistar-se com seu velho amigo e vizinho - Chico Teófilo. Dessa vez, deparou-se-lhe chocante quadro. O velho, já octogenário, esforçava-se em vão, por acalmar a filha que se lastimava em pranto. Meu pai, atarantado com tão dolorosa cena (conta meu irmão Amir, que, ainda menino, o acompanhava) só tinha estas palavras de vã esperança: "Pode não ser ele; pode não ser ele". Não havia, porém, dúvida possível. Lá estava, no "Correio da Manhã", minuciosamente descrito, todo o crime monstruoso, com o nome completo das vítimas, sem omissão dos respectivos Estados de que eram filhos.

xxxxxx

Fomos, José Gustavo e eu, morar na rua D. Luiza que, partindo da Glória, sobe em rampa suave até o alto de Santa Tereza. Digo Rua D. Luiza e não como rezava a placa da esquina - Rua Senador Cândido Mendes, nome que não pegou, como não pegara o de Moreira César com que se quis designar a Rua do Ouvidor. A casa, ou melhor, o casarão, no alto, à esquerda de quem sobe, tinha o número 73 e era mantido por um casal que o explorava alugando-lhe os quartos a estudantes e outras classes de certa categoria social: um português e uma preta. Nunca lhes soube o nome completo. Eram apenas para os inquilinos "o sô Carvalho e siá Geralda". Sua vida em comum, como a dos que não passam pelo Cartório ou pela Igreja, transcorria entre dias de bonança e de tempestades. Estas motivadas pela preta, que morria de ciúme de uma portuguesa que, com o marido, também português, habitava o porão da casa. Ao leitor deixo o trabalho de calcular o que pudesse sair da boca de uma preta desvairada pelo ciúme. "Sô Carvalho" - nesses dias para ele trágicos - fechava-se em prudente mutismo, ciente de que replicar seria agravar o escândalo. Estudantes havia que se divertiam com a cena, julgando comprometedor o silêncio do acusado, silêncio que seria uma maneira sábia de atenuar a crise. Era-lhe visível o abatimento moral. De quando em quando, suspendia o serviço da limpeza e, do topo de uma das escadas interiores, punha-se, de vassoura em punho, à escuta do que vinha de baixo. E do porão chegavam-lhe aos ouvidos frases assim, entrecortadas: "Muié sem vergonha ... eu é que levo a fama ... marido descarado finge que não sabe ... " e outras muitas que não posso registrar.

Para esse casal, como para tantos outros luso-africanos deste lado do Atlântico, é sagrado o dia da Festa da Penha - tradição portuguesa transplantada para aqui e cultivada com o mesmo carinho com que o é na terra de origem. Era o único dia do ano em que siá Geralda deixava a cozinha e botava o pé na rua e lá se ia, muito acamaradada com o "sô Carvão" à procura do bonde da Penha.

José Gustavo comprazia-se, não raro, em dar a ela os seus dois dedos de prosa, contando-lhe coisas de nosso torrão natal. Por ele veio ela a saber de minha origem "Fazendeira" e, incapaz, como tanta gente depois dela, de compreender-me o retraimento ingênito, julgava-o como sintoma de orgulho. Daí o hábito de referir-se a mim, como: - "O filho do fazendeiro". Creio que não simpatizava com a classe. Talvez seus pais tivessem sido escravos de algum cafeicultor do Estado do Rio, donde era natural. Se me ocupo tanto desse humilde casal é porque com ele convivemos durante os seis anos de curso. E findo, este, Siá Geralda - uma preta analfabeta - definiu-nos, como nenhum letrado o faria melhor, a crosta mineira, com estas palavras: "O Rio de Janeiro não pôde com esses dois moço". Na ocasião, não me agradou a sua aguda observação. Já hoje, recebê-la-ia como elogio, como índice de personalidade definida, impermeável à influência estranha, isto é, como daquilo - que já se convencionou chamar de "mineirismo" e que Tristão de Ataíde tanto louva e não deseja ver desaparecido.

Durante o curso, entregamo-nos de corpo e alma aos estudos. Não cultivávamos a vida social, não freqüentando clubes, nem festas familiares. Tínhamos a vida sentimental voltada para o Interior onde estavam nossas respectivas primas com as quais viemos a casar. Essa circunstância, aliada à noção do dever a cumprir, muito contribuiu para que nos escravizássemos ao seguinte método de vida. Levantávamos cedo e, tomado o café que preparávamos à máquina, rumávamos-nos para a Santa Casa de Misericórdia, fazendo, a pé, o trajeto cujo itinerário era: Rua e Largo da Lapa, Rua do Passeio, Convento da Ajuda, hoje Cinelândia (Convento cujas paredes, sem janelas para o exterior, tinha o comprimento de um quarteirão), Rua Santa Luzia e finalmente, a Santa Casa.

Os domingos e feriados, por isso que não havia aula, eram paradoxalmente, os dias em que mais se estudava. Após o jantar fazíamos invariavelmente o nosso passeio pelo Centro, estacionando de preferência na Galeria Cruzeiro, por onde, então, trafegavam os bondes do "Jardim Botânico". Deles desciam ou subiam as beldades da Zona Sul. Ver-lhes nesses momentos os tornozelos - apenas tornozelos e ainda assim ocultos pelas meias - constituía para muita gente boa, que hoje se classifica de tarada, afrodisíaco mais excitante do que vê-las, hoje, de "Bikini", nas praias de Copacabana. "Tarados" havia que, em dias de chuva, as acompanhavam pelas ruas, quando elas, defendendo-se das poças de água, lhes ofereciam aos olhares indiscretos, mais um meio palmo de pernas. Como eram severos, pelo menos quanto às roupas, os costumes daquele tempo! Fraque de casimira preta ou de cor, chapéu côco, bengala, eis a moda masculina de estudantes e de granfinos da época. Imitava-se, em absoluto desacordo com o nosso clima tropical e sem nenhuma noção do ridículo, a indumentária dos países frios. E dizer-se que tal insensatez perdurou até o segundo quartel deste século! Falar que entre a dita Galeria Cruzeiro e a Rua do Ouvidor circularam, então, os figurões da política e das letras, e que também eu acompanhava de longe os Ruis, os Machados de Assis, os Bilacs é repetir o que tantos já disseram antes de mim.

Por capricho de ordem sentimental quis, agora, 43 anos depois, rever a rua D.Luiza. Topograficamente é a mesma, mas outra é a sua fisionomia. Praticamente, pode-se dizer que já não existe uma casa daquele tempo. A de número 73, onde residi, foi inteiramente arrasada. Nem ao menos pude localizar, com precisão, o terreno onde se assentava ela. E eu que subira a rua sonhando até com a possibilidade de percorrer-lhe o interior, rever o quarto que habitara durante seis anos, o pequeno terreno dos fundos, à sombra de cujas árvores estudava quando fazia bom tempo! Outros e outros pontos da capital estão de tal jeito mudados que nem de longe lembram o que foram no tempo de Vieira Fazenda e outros historiadores seus. Muito teriam eles que acrescentar ao texto de seus compêndios. É um fenômeno mundial essa transformação por que passam as cidades. Para evitá-la só mesmo a intervenção oficial, tal como se deu, em boa hora, com a nossa vetusta Ouro Preto. O ex-morro do Castelo é hoje a famosa Esplanada do Castelo, com seu intenso comércio e com seus suntuosos edifícios. Nele - nesse histórico morro, onde nasceu a cidade, e que ficou nas telas dos pintores - freqüentei, no Hospital S. Zacarias, as aulas de pediatria do Professor Luiz Barbosa. Partindo da Santa Casa, dava-nos acesso a esse hospital um elevador do tipo do que nos leva hoje ao Outeiro da Glória.

Dos professores da Faculdade pouco direi. Não encarando o valor intelectual de cada um, focalizarei de preferência os que, por isso ou por aquilo, mais se me fixaram na memória. O saber, via de regra, impõe respeito. Conquanto reconhecidamente culto, Silva Santos - Professor de Anatomia Descritiva - era vítima de certa irreverência por parte dos discípulos, que o apelidaram de Lulu, apelido que as turmas anteriores iam transmitindo às que vinham depois. Não raro, em momentos dos mais solenes de suas lições, estrugia, das imediações, prolongada e em voz de falsete, a palavra fatídica: "Luluu!". Contava-se que, de uma feita, saíra ele à procura do "malcriado", disposto a quebrar-lhe na cabeça o osso sobre o qual versava a lição. E escusado dizer que o malcriado não aparecia. Tal desrespeito provinha da maneira algo pitoresca com que ele expunha a matéria. Tinha ponto de vista próprio, insurgindo-se não raro, contra os autores clássicos, substituindo expressões destes por outras que lhe pareciam mais adequadas. Assim é que não tolerava, por exemplo, que se dissesse orifício anal, cavidade bucal, mas fenda anal, receptáculo bucal. Seus assistentes - Batista e Figueiredo - a custo, continham o riso. Nem sempre porém, o conseguiam. Por vezes faziam coro com a hilaridade da classe. Cultor intransigente do vernáculo, não suportava deslize na sua sintaxe e na sua prosódia.

Não assim o seu assistente e depois seu sucessor na cadeira - Benjamim Batista - que não queria mais do que aquilo que foi, isto é, uma autêntica autoridade na matéria que lecionava. E Silva Santos que, parece-me, não vivia com ele em boas graças, atirava-lhe indiretas ou melhor, setas assim envenenadas: "Epitróclea é que se deve dizer e não Epitrocléa, como dizem por aí". E Benjamim desferrava-se nas aulas particulares: "Isto é assim, mas o professor Silva Santos quer que se diga assim". Não ocultava nestas palavras certa dose de malícia, como que aconselhando-nos a que lhe fizéssemos a vontade na banca de exame. Mas, Silva Santos, como homem de caráter, era justiceiro: não aprovava nem reprovava sistematicamente. De Pecegueiro do Amaral - lente de química - ouvi ainda antes de entrar para a Faculdade, o conceito injusto de que só aprovaria a quem estudasse pelo compêndio de que era autor. Pode-se dele dizer o mesmo que de Silva Santos: não aprovava nem reprovava sistematicamente.

Já, Nascimento Bittencourt - Professor de História Natural - talvez pecasse por excesso de indulgência. Só não aprovava o examinando que revelasse absoluto desconhecimento da matéria. Se Bittencourt não fazia verso, teria pelo menos alma de poeta. Dava às suas palavras, principalmente em se tratando da botânica, a entonação de quem estava sentindo a poesia do ponto sobre o qual discorria. Eis os lentes da primeira série médica. Dos que vieram depois, falarei ainda menos: Oscar de Souza lecionava Fisiologia, cadeira deveras interessante e que, por isso mesmo, presta-se a arroubos oratórios. E Oscar de Souza inflamava-se agradando o auditório. Leitão da Cunha - lente de Bacteriologia - era tido como uma barreira ao acesso à série superior. E de aluno para aluno, era freqüente esta pergunta: "Você já passou com o Leitão"? E a resposta afirmativa era invejada. Dizia-se dele que reprovava sistematicamente a quem na prova prática não dissesse com segurança qual a bactéria que figurasse na lâmina entregue para o exame microscópico. Tal erro inutilizaria irremediavelmente a parte teórica do ponto, ainda que o examinando a expusesse com brilho. Tive pessoalmente a prova de que tal afirmação não era assim tão absoluta: errei no diagnóstico da lâmina e fui aprovado com boa margem.

De Maria Teixeira - Professor de Farmacologia - corria a lenda e. como toda lenda, falsa, de que reprovava muito nas segundas-feiras, irritado, como estaria, por ter perdido, na véspera, nas corridas do Jockey Club.

Passando, no terceiro ano, a freqüentar a Santa Casa de Misericórdia, aí travei conhecimento com os titulares das clínicas, alguns deles de renome nacional. Acompanhei sempre o serviço da 7ª enfermaria, a cargo de Professor Miguel Couto, que tinha como assistentes Henrique Duque e Osvaldo de Oliveira. Embora não fosse fluente, Miguel Couto - sua reconhecida capacidade atraía-lhe numeroso auditório. Quando entrei a frequentar-lhe as aulas, ainda se comentava a maneira ruidosa com que conquistara ele a cátedra. Surpreendera a todo o corpo docente da Faculdade, convictos todos, professores e alunos, de que a cadeira caberia, por força a seu contendor Almeida Magalhães, espírito brilhante, verboso e sobejamente conhecido nos meios médicos. Conquistando ele o primeiro lugar nesse memorável concurso, conquistou, por igual, um nome respeitado na medicina do país, nome por muitos títulos merecido, máxime pela ética profissional que observava a rigor, nunca deixando mal um colega perante a família do doente. Embora não fazendo coro com os seus numerosos admiradores, assisti a muitas aulas do Professor Austregésilo na 7ª enfermaria, quando ele substituíra, aí, a Miguel Couto, ausente na Europa.

Ouvi também, com particular prazer, algumas preleções de Miguel Pereira. Era deveras fluente e pitoresco em suas orações: "É um nervo que se despenha por um desfiladeiro ósseo". "O Brasil é um vasto hospital".

Outros Professores tive - alguns brilhantes - cujos nomes apenas registrarei: Cipriano de Freitas, Nascimento Silva, Rocha Faria, Afrânio Peixoto, Dias de Barros, Paes Leme, Augusto Paulino, Fernando Magalhães, etc. Chegara-me também aos ouvidos, através de colegas mais velhos, o eco de outras vozes que por ali passaram. Entre outras a de Francisco de Castro e Nuno de Andrade, ambos professores de clínica médica, ambos cultores das boas letras, sendo que o último com o pseudônimo de Felício Terra, deixou um volume de magníficos contos. De Nuno de Andrade, cuja espontaneidade de espírito ficou proverbial, ouvi algumas passagens, entre as quais estas. Dava ele aula na sua Enfermaria, quando passa pelo corredor o seu grande rival Francisco de Castro, acompanhado de seus discípulos Miguel Pereira e Oscar de Souza. Nuno comenta para os alunos: "Ei-los - o Padre, o Filho e Espírito Santo". E prosseguia na lição, quando surge, ligeiro, meio retardatário, Austregésilo. E Nuno completa: "E o amém!"

De uma feita integrava ele a banca examinadora de tese, quando chega para defender a sua um doutorando que tinha o sobrenome de Canário. E Nuno, cujo apelido era Sabiá, trava com o doutorando, cujo espírito não seria inferior ao seu, o seguinte diálogo:

- Então Sr. Canário, o Sr. vai trinar um pouco.
- E verdade Professor, vamos fazer um dueto.
- O senhor está enganado. Eu agora estou na "muda", o senhor vai cantar sozinho.

E prosseguiu o diálogo.

- Tanto assunto interessante, Sr. Canário, e sua tese versa sobre Zoologia.
- Para estar de acordo com a Banca, Professor.
- Como assim?
- Sim, Sabiá, Coelho, Barata.

Érico Coelho e Barata Ribeiro completavam a Banca Examinadora.

xxxxxxx

Logo no início de meu curso médico ocorreu a tragédia que surpreendeu e abalou fundos os meios intelectuais do país: o assassinato de Euclides da Cunha. Grupos de estudantes, aqui e ali, comentavam e lastimavam, naquela manhã de agosto de 1909, na Faculdade de Medicina, a dramática ocorrência, que viera roubar ao país um de seus maiores escritores. Os matutinos abriam na primeira página amplas manchetes, descrevendo-a com minúcias. Todos os jornais e todos quantos fizeram o seu necrológio exaltavam-lhe a obra máxima - Os Sertões - considerando-a sob certos aspectos, como a maior de nossa literatura, no que esta possa ter de peculiar à nossa terra e à nossa gente. Estudando a alma sofredora de nossos caboclos, o seu estoicismo em suportar as maiores agruras, a luta titânica com o meio hostil, revelou Euclides da Cunha aos brasileiros do litoral aquilo que eles desconheciam: a têmpera de aço de seus patrícios do interior. E é nesse sentido, no de inspirar-se em motivos regionalistas, que - "Os Sertões" - pode ser considerado como a maior obra da "literatura brasileira", embora não sendo, talvez, a maior escrita por brasileiro. Esta, talvez, seja alguma das brotadas da pena de Machado de Assis. Mas este não foi um escritor brasileiro no sentido nacionalista do termo, mas escritor sob todos os pontos de vista do tipo universal: pelo assunto, pelo estilo sério, medido, ático.

Escritor de gosto tão apurado, que muitos críticos estranham tenha surgido em país de civilização ainda em marcha, como o nosso. Que contraste entre os nossos dois maiores escritores: um, como representante das civilizações requintadas alienígenas; o outro, estilista tumultuoso, vibrante, vulcânico, traduzindo melhor o nosso temperamento tropical.

O que venho dizendo é apenas o reflexo do que disseram de Euclides da Cunha os que dele se ocuparam nos dias que sucederam à sua morte. Tal reclame levou-me a adquirir um exemplar de *Os Sertões*. Iniciada a leitura, não parei nas primeiras páginas, como o fazem e têm coragem de proclamar, tantos diplomados em cursos superiores. A um deles ouvi esta pergunta admirativa que considero sacrílega na boca de um brasileiro: "Você lê essa xaropada?" Não parei nas primeiras páginas, como disse. Ao contrário, li sofregamente todo o volume e era com pesar que o deixava para desobrigar-me da tarefa do curso. E durante o período de férias do primeiro para o segundo ano, outra coisa não fiz na Fazenda da Bahia, senão alternar o serviço de pastoreio, a que me entregava por esporte, com a leitura e a releitura de *Os Sertões* - de que cheguei a adquirir sucessivamente três exemplares e atualmente não tenho nenhum. É o que acontece fatalmente a quem empresta livros.

De modo geral, nas fazendas não há livros. O proprietário - isso quando o faz - apenas lê o jornal que assina. O nosso era o "Correio da Manhã", cuja assinatura a firma Azevedo & Cia. reformava sempre, só deixando de fazê-lo - e isto sucedeu por toda parte em Minas - como tácito protesto contra a campanha infamante que esse jornal moveu contra Artur Bernardes, chegando por exploração política, à torpeza de atribuir a esse saudoso estadista a autoria das famosas cartas falsas. Tão longa tirada apenas para dizer que existia na Fazenda da Bahia, como dádiva do "Correio da Manhã", um exemplar de "D. Casmurro". E foi com ele, com essa obra prima de Machado de Assis, que me regalei nas férias do 2º para o 3º ano, lendo-a e relendo-a, como anteriormente o fizera com *Os Sertões*. apreciador dos bons livros, jamais deixei algum em meio, a não ser uma única exceção: "Uma Família Inglesa", de Júlio Diniz.

Quando estudante, não comprava obras de ficção, não julgando justo onerar o orçamento da família com livros que não fossem didáticos. Mas nem por isso deixei de ler preciosas obras do gênero - oferta espontânea de amigos que me conheciam o hábito de devolvê-las escrupulosamente. E assim, entre o Rio e a "Bahia", me transcorreram os cinco anos de curso, até o sexto, em que se deparava para cada doutorando um espantalho: a defesa de tese - obrigatória até esse ano de 1914.

Minha turma foi a última a pegar esse rabo de foguete, do qual já se livrou a do ano seguinte, cancelada como foi, em boa hora, essa exigência do curso. Com efeito, que contribuição podia trazer ao progresso da medicina aquele que não a exercera ainda? Daí, de modo geral, a mediocridade das teses, que nada traziam de novo. Se alguma surgia, digna de nota, não seria do estudante, mas desse ou daquele professor, que sugeria o assunto, fornecia-lhe as necessárias observações, e, não raro, até as redigia, pelo menos em parte. Disso posso dar testemunho, pois que a minha foi sugerida pelo Professor Luiz Barbosa, que dela escreveu, espontaneamente, sem que lhe pedisse eu, os dois últimos capítulos. Apenas os dois primeiros foram obra exclusivamente minha - e não o digo por vaidade - foram eles justamente o que maior elogio mereceram de Miguel Couto, integrante da Banca Examinadora. É bem verdade que esse elogio não se estendeu à sua parte científica em que nada havia de novo, mas apenas à parte artística da redação. Tese medíocre, como a quase totalidade delas, mas que nem por isso deixou de ser aprovada com distinção, nota com que se satisfazia a vaidade de mais de 50% dos doutorandos, embora fosse ela conferida, menos a eles do que ao lente que patrocinara o trabalho.

Recebi enfim, assinado por Nascimento Silva, o meu diploma de médico, em dezembro de 1914.

Enfim, armado cavaleiro para a luta, ocorre ao médico novo problema: a escolha do campo de batalha, o qual nunca corresponde ao nosso sonho, que seria chegar, ver e vencer, em franco desacordo com a lógica, que seria conquistar o terreno, palmo a palmo, com o tempo.

Essa paciência não a tive eu, como em geral, não a têm os colegas recém-formados. Todos percorrem a sua via-sacra, estacionando apenas meses numa localidade para, em seguida, desiludidos, transferirem-se para outra. Sucede isso nos primeiros anos de clínica. Ainda bem que esses pequenos estágios não nos são inteiramente inúteis. Neles deixamos a timidez dos primeiros anos de profissão aprendendo a agir por nós mesmos, habilitando-nos a enfrentar a clínica de maiores centros.

Elegi, para meu primeiro campo de luta, o Estado de São Paulo, para onde acorria, naquele tempo, a maioria dos que deixavam os bancos acadêmicos, embora ciente de que a luta aí, justamente pela maior concorrência, não seria menos renhida.

Meu primeiro estágio, que durou apenas três meses, foi Santa Lúcia, segunda estação da "Paulista", além de Araraquara, onde era chefe político o grande cafeicultor Bento Sampaio Vidal, para quem levei uma carta de recomendação de Rubião Meira, então, clínico de nome na Paulicéia. Não havendo hotel na localidade, aluguei uma casa e os serviços de um cozinheiro - coisa desconfortável e dispendiosa para quem ainda não tinha clínica. Desanimado, fui ver Pirajuí, cuja lavoura, em crescimento já prenunciava o que é hoje. Como, porém, já havia aí um médico, recuei dando-me por vencido. O mesmo sucedera, decênio antes, a Miguel Couto. Chegara ele a um hotel com o fim de tomar um trole para Jaú, cidade que nascia, quando recuou, intimidado, diante desta pergunta do hoteleiro: "O Senhor também? Diariamente hospedo aqui um colega seu, em viagem para lá". E Miguel Couto, a quem amedrontara a concorrência no interior, conquista logo na Capital do País o lugar de "primus inter pares".

De volta dessa visita a Pirajuí aceitei, por intermédio do Dr. Melchíades Junqueira, o convite da Câmara Municipal de São João do Curralinho, hoje Joanópolis, para instalar-me aí, como clínico. Não tive boa impressão da cidade, mas, seduzido pela subvenção que a municipalidade dava ao médico, aí permaneci cerca de um ano.

Finalmente, em junho de 1916, deixei, definitivamente São Paulo para instalar-me em Serranos de Aiuruoca, a convite de meu concunhado, Artur Vilela Milward de Azevedo e do tio de minha primeira mulher, Cornélio Norberto Milward de Azevedo.

Atravessava, então, Serranos o seu período áureo, sob a suprema chefia de Cornélio. E, em torno dele girava toda a vida política e econômica do distrito. Foi um Barão de Mauá, em miniatura. Sua casa comercial abastecia as fazendas circunvizinhas de tudo quanto elas não produziam e sua fábrica de manteiga recebia delas toda a sua produção leiteira. Fluminense de nascimento, mas filho de casal mineiro, transportou-se cedo para Serranos, onde se radicou de corpo e alma, enviuvou, contraiu novas núpcias, criou numerosa prole e aí tem o seu túmulo. Seu prestígio não lhe veio pois de herança, desses que, nos meios pequenos, se transmitem de pais e filhos. Conquistou-o, pouco a pouco, vendo-o crescer e culminar com a fundação de sua Fábrica de Laticínios, marca Papagaio, uma das primeiras de Minas, em ordem cronológica e em volume de produção. Sua cultura era a do curso primário, mas dela soube tirar proveito. Não era, pois, do tipo desses contemplativos platônicos que, fartamente nutridos de grego e latim, morrem de fome segundo os versos não sei de que autor francês: "Ces qui sont nourris du Grec et du Latin son morts de faim". Não tinha, com efeito, a cultura livresca, mas tinha a outra - a cultura tomada no sentido etnológico, isto é, a que herdara dos ancestrais. Descendia de boa estirpe britânica.

Seu avô materno - Henry Milward - era inglês e se dizia descendente de um marquês da Escócia. Cornélio empreendia, calculava e executava. Nasceu com a bossa do comando. Não fazia: mandava fazer. Como negociante, nunca exerceu as funções de caixeiro; como industrial, não trabalhava na fábrica; como fazendeiro, não se entregava aos serviços de pastoreio, tão do agrado de tantos fazendeiros de Minas.

Não era mandão de aldeia, condição a que o queria reduzir um ou outro despeitado. Tinha, contudo, bem acentuado, o dom de mandar, do qual me deu ele esta positiva manifestação que guardo de memória: "Não gosto desta sua profissão, Álvaro. Você mesmo é que tem que fazer. Você não pode mandar".

Sua casa - e isso faz lembrar as antigas casas comissárias do Rio, hospedando, de graça, a sua freguesia do interior - estava sempre aberta a todos. A um hospedava porque era freguês, a outro porque eleitor, a outro ainda - às vezes um desconhecido, porque não podia deixá-lo ao relento numa terra em que não havia hotel.

De temperamento desigual, algo excêntrico, impulsivo, não lhe era permanente o estado eufórico. Tinha os seus dias de azedume. E nisto muito se parecia com meu pai, seu primo, como parecidíssimo o era no físico. Ambos, nesses dias de azedume, carregavam o chapéu sobre a testa, quase encobrindo os olhos. O fato era conhecido e comentado pelos que com eles privavam. E o incauto que, em tais dias, lhes solicitasse algum favor, corria o risco de receber inesperado "não". Quando isso sucedia - passado o mau estado de alma - esse "não" lhes doía mais do que àquele que o recebera. Negociantes cariocas - os que lhe vendiam a manteiga e os que lhe forneciam mercadorias para seu empório comercial, a seu convite, passavam dias em sua casa. Entre eles, Afonso Viseu, ex-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro. E foi aí, em casa de Cornélio, que conheci, em 1918, Guilherme Bastos Milward, seu primo irmão, Engenheiro e Médico, sobejamente conhecido nos meios científicos do país, máxime como geólogo, especialidade em que nos deixou notável trabalho acerca da Bacia do Paraná.

Passava Cornélio a maior parte do dia em frente a sua casa comercial - prolongamento da de morada - sentado num banco que rodeava o tronco de frondosa árvore. Absorvia-se, aí, na ocupação de desdobrar, a canivete, cada palito de fósforo. Essa mania, ou antes esse esporte, era, por alguns, vista como um sinal de usura, como se usuário pudesse ser um chefe político do interior e muito menos um Cornélio Norberto Milward de Azevedo, cuja casa, como vimos, era uma verdadeira hospedaria gratuita.

E aí, nesse banco, envolto em seu capotão de lã (não esquecer que Serranos fica a mais de mil metros de altitude) atendia ele ao pessoal do serviço, resolvendo os casos que surgiam. E pitorescas, eram, por vezes, as respostas que dava aos serviçais. De uma feita, um de seus tropeiros lhe veio dizer que, dentre um lote de mais de uma dezena de burros, não encontrara nenhum em condições de realizar certo trabalho. E dava o motivo da exclusão de cada qual: "O Fidalgo estava pisado, a Rolinha, manca, a Cangalha do Pinhão não tinha retranca, etc... Findo o rosário, Cornélio vira para ele as costas, baixa a cabeça e acompanha o gesto com estas palavras desconcertantes: "Olha o Cornélio aqui. Bota a cangalha nele."

xxxxxxx

Nessas pequenas localidades é onde mais dura nos transcorre a vida profissional. Temos voltados sobre nós, todos os olhos da população, à qual não passa despercebido nenhum caso sob nossos cuidados. Somos julgados pelo sucesso ou insucesso de cada um. Ora louvados, ora criticados. Louvor que não nos lisonjeia,

porque vem de leigos, mas censura que nos incomoda porque nos prejudica. Aí lutei com epidemias de sarampo, com endemias de tifo, com casos de pneumonia que naquela altitude e sem os recursos atuais, fazia vítimas. Resolvemos, sabe Deus como, todos os casos que são do domínio das especialidades, sem hospitais, sem laboratórios, inclusive os de cirurgia de urgência, ajudados de pessoas leigas, que desmaiavam à vista de sangue. Por tudo isso passei eu aí, como por tudo isso passaram os colegas que me antecederam e sucederam.

Logo que lá cheguei ocorreu o caso de cirurgia, cuja descrição, inserta no "Correio da Manhã" de 12 de janeiro de 1917, transcrevo abaixo, caso que hoje seria banal, com hospitais por toda parte, mas que não o era, há quarenta anos, quando a cirurgia era um autêntico tabu. A tantas preocupações que nos traz cada caso clínico, junta-se, para o médico do interior, o desconforto das longas viagens a cavalo, não raro, à noite, acompanhando um "camarada" de lanterna em punho. E para cúmulo de infortúnio, olhado com desprezo pelos colegas dos grandes centros, que nada resolvem sem o auxílio dos laboratórios, muitas vezes em casos banais, em que esses recursos são perfeitamente dispensáveis.

A propósito, lembro-me de um, a cujo diagnóstico não pudemos chegar vários clínicos. Levado para um professor do Rio, este, com todos os exames de laboratório e de raio X, também não chegou a diagnóstico, mas não teve a franqueza de o confessar. A cada interpelação do médico assistente, respondia com evasivas, tratando o colega como se fora um leigo, quando, dentro da boa ética profissional, lisamente devia dizer: "Colega, eu também não pude chegar a diagnóstico". "É um caso obscuro, como tantos outros da medicina". Com tal confissão não se rebaixaria ele em nosso conceito, como bom clínico que é, além de autor de boas obras.

Por toda parte onde cliniquei, fiquei conhecido como o médico de poucos remédios. É que era cético quanto à terapêutica do tempo, antes da era dos antibióticos, embora menos parcimonioso o fosse quanto aos mercuriais e arsenicais, nos casos em que são específicos. E essa minha parcimônia não era bem vista pelos farmacêuticos, da qual a maior vítima seria eu próprio, sabido como é, que o doente - sem nenhum proveito seu e com prejuízo de sua bolsa, prefere quem lhe encha a mesa de vidros de poções, de caixas de pílulas e bisnagas de pomadas.

Ali estive até 1921, transferindo-me em agosto de 1922 para Quatis de Barra Mansa, onde cliniquei cerca de 4 anos. Em seguida, fixei residência na própria Barra Mansa, onde dei por definitivamente encerrada minha vida de clínico, após 35 anos de contínua labuta, labuta menos áspera, aí, do que alhures, pelo preciosíssimo conforto moral que nos traz a assistência desse ou daquele colega, em determinados casos clínicos.

xxxxxxx

Do correspondente do "Correio da Manhã", de 12.1.1917, Serranos de Aiuruoca, Minas.

*"-Um fato lamentável deu-se nesta localidade no dia 1º do corrente. Um filho de Sr. Ezequiel Nogueira, de 10 anos de idade, aproveitando o momento de distração de sua progenitora, armado de uma espingarda de seu pai que, inadvertidamente a deixara carregada, desfechou contra sua irmã de 3 anos de idade, de nome Altair, um tiro no braço esquerdo, esfacelando-o pouco acima do cotovelo. A menina Rosa Lacerda que, momento do desastre se achava à frente de Altair, recebeu no peito do lado direito, grande parte da carga de chumbo. Altair, logo após o desastre, foi levada à farmácia local. O ilustrado clínico Dr. Alvaro de Azevedo, que fora chamado, compareceu instantes depois. Verificando os ferimentos das duas meninas, achou que os de Rosa*

*não tinham gravidade, não acontecendo o mesmo com os de Altair que reputou gravíssimos, declarando indispensável e urgente a amputação do braço. Consultados os pais de Altair se consentiam na operação, respondem que sim. À vista dessa resposta e à falta de outro médico que o auxiliasse convidou o Dr. Álvaro de Azevedo o farmacêutico Sr. Artur Vilela Milward de Azevedo para ajudá-lo na operação, que foi levada a efeito com felicidade, graças a perícia do operador, a quem enviamos parabéns, pois que a operada se acha agora em franca convalescença.”*

Transcorriam-me os dias, mais ou menos calmos, sem grandes preocupações de ordem clínica, quando, a 3 de outubro de 1930, estourou a chamada Revolução de 30. Revolucionário puramente platônico, não conspirei, não agi, não contribuí para o seu triunfo. Daí, pois, a minha surpresa quando, ao desembarcar, de curta viagem, na gare da Rede Mineira de Viação, fui abordado por um secreta policial, convidando-me a acompanhá-lo ao Rio por ordem da Chefatura de Polícia. Aí chegando, fui logo interrogado. Respondi sinceramente que estava alheio ao movimento, embora sendo dele simpatizante. Não obstante essa declaração, algo imprudente, fui tratado com urbanidade. É que, por essa altura dos acontecimentos, os próprios Agentes do Governo já julgavam precária a sua estabilidade. Com efeito, ao que se comentava, à medida que se passava o tempo, mais se ia abrandando, nos interrogatórios a tão conhecida arrogância policial. Passei a noite de 13 para 14 na Polícia Central, conjuntamente com outros detidos, dormindo sobre jornais estendidos no chão.

No dia seguinte, à tarde, comprimidos num “Tintureiro”, rumamos para a Casa de Correção. Um dos presos, tornado de claustrofobia, esteve a pique de desmaiar. Chegados ao destino, fui com alguns outros, encaminhado para a célebre sala da Capela, reservada a portadores de diplomas científicos. Fomos recebidos com estrepitosas palmas por parte dos que, aí, nos haviam precedido. E começou logo um assédio em regra, todos desejando saber da marcha revolucionária, isto é, algo mais do que dizia a imprensa censurada; lá encontrei o velho conhecido e amigo Dr. Odilon de Andrade; Bruno Lobo, professor da Faculdade de Medicina, era tacitamente, considerado como chefe da Sala. Em torno dele, atraídos por sua interessante palestra, reuniam-se os mais cultos espíritos. Ao dar-me ao conhecer, foi ele logo evidenciando a sua verve galhofeira, interrogando-me: “Você é casado, solteiro ou amigado?”. Em seguida, sempre brincalhão, aconselhou-me que comprasse um par de tamancos, que, à portuguesa, todos usavam ali, E como achei agradável o seu uso, naquele mês de outubro, já quente em nossa Capital!

Por absurdo que pareça, havia quem louvasse a reclusão, justificando-se: “Eu estava bem necessitado deste repouso”.

Espiões policiais, por certo que não faltariam entre nós, procurando intimidades, insinuando-se, fazendo perguntas capciosas, a que respondíamos por monossílabos. A pequena demora deles, entre nós, vinha confirmar-nos as suspeitas. Líamos, livremente, os jornais censurados e das suas entrelinhas tirávamos deduções das notícias aí estampadas. Assim, as nomeações de interventores para certos Estados do Norte foram recebidas, pelos que estavam enfronhados nos planos do movimento, como notícia alvissareira. É que, certamente - e os fatos vieram confirmá-lo - teriam sido depostos os seus respectivos Presidentes. Notícias assim, eram recebidas com urros estridentes, atraindo a presença dos guardas, pedindo silêncio. Havia, alternadamente, momentos de expansão e de depressão coletivas. Após o almoço, como que por tácita convenção, cada qual procurava o seu leito e profundo silêncio reinava na sala. E, assim, transcorriam os dias quando, a 24 do mês, pela manhã, desusado movimento de aviões cortava o céu em todos os sentidos, despejando boletins. Será o nosso triunfo, indagava-se? Seqüestrados, sem contato com o exterior, é claro que não poderia responder a essa pergunta.

À tarde, o Diretor de Estabelecimento, visivelmente transtornado, anunciou-nos a vitória da Revolução, apelando para o nosso cavalheirismo, a fim de que moderássemos nossas expansões de alegria e estabelecendo a ordem - um a um - em que se devia deixar o presídio.

Nas ruas, pouca gente. Quase não se via mulher: apenas uma ou outra, das classes operárias. Temendo arruaças, as famílias se haviam recolhido. Do centro da cidade, vinha o rumor da massa popular, cometendo excessos, incendiando os jornais que defendiam o Governo decaído.

Tomei o "Expressinho" para Barra Mansa onde cheguei às 21 horas. Repleta a "gare" da Estação. Surpreso e vexado, fui carregado por populares até minha residência, como se fora um herói, que houvesse combatido pela vitória da causa. Revolucionário platônico, como já o disse, julguei imerecida tal manifestação, embora essa consideração não me impeça de transcrever a notícia abaixo de - A Luta - único jornal da terra:

*Dr. Álvaro de Azevedo*

*"Pelo primeiro noturno de ontem chegou a esta cidade o exmo. Sr. Dr. Álvaro de Azevedo, que há dias foi preso como revolucionário e recolhido às masmorras da polícia, no Rio de Janeiro, sendo ontem mesmo posto em liberdade. Ss. que chegou a esta cidade como acima dissemos, pelo primeiro noturno, teve uma recepção carinhosa por parte da nossa população, que foi em peso à gare da Central levar o seu voto de congratulações.*

*A manifestação levada a efeito em honra do ilustre médico, assumiu proporções colossais, sendo carregado nos braços dos populares, da estação à sua residência, debaixo de entusiásticos vivas à Revolução, ao Exército e à Liberdade. Em sua residência, recebeu o Dr. Álvaro de Azevedo, os cumprimentos de todos os barramansenses, que tinham para com o homenageado palavras de carinho e conforto.*

*Idêntica manifestação recebeu também o Dr. Júlio Vergara, ilustre chefe do Posto de Profilaxia desta cidade, sendo delirantemente ovacionado e carregado pela massa popular que não cansava de levantar vivas a João Pessoa, à Revolução, à Liberdade, à Paraíba, ao Rio Grande, a Minas e ao Brasil".*

XXXXXX

A Revolução teria sido um bem? Não se sabe. O que se sabe é que, depois dela, baixou assustadoramente o nível moral do país.

Cresceu a corrupção em todos os setores da vida pública, com reflexo evidente nos costumes e nas atividades de ordem privada. Com efeito, a moral baixou tanto que acabou por cristalizar-se em esta de espírito coletivo, tão bem definido nesse cínico "slogan": - "Rouba, mas faz".

Eis como se procurava justificar a eleição de certo candidato à Presidência da República, tido como peculatório, mas realizador, o qual obteve quase dois milhões de votos.

Na "República Velha", não se conceberia que o Congresso pudesse votar a escandalosa lei, chamada dos "Cadilacs". Naquele tempo, eram os nossos representantes recrutados no seio das elites do país. Baseava-se o critério da escolha na competência e na probidade pessoal. Eram apresentados pelo P.R. (Partido Republicano) de cada Estado, eleitos, é verdade, pelo processo escandaloso das atas falsas, e, reconhecidos

ou não pelo próprio Congresso, conforme a vontade incontrastável do Presidente da República ou de algum chefe supremo, como o foi, por exemplo, o General Pinheiro Machado. Como se vê, nada mais antidemocrático. Mas como os homens assim "eleitos" eram patriotas e limpos, parece que, desencantados, já vamos tendo saudades deles.

Ganhou-se, com o voto secreto, em lisura do pleito, mas perdeu-se na qualidade dos eleitos.

**FIM**

**1957**